

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e da Educação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia



Daniele da Silva Costa
Márcia do Socorro Feio Cardoso

**A situação profissional e acadêmica dos egressos
do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003
da Universidade do Estado do Pará/ Moju**

Moju

2011

Daniele da Silva Costa

Márcia do Socorro Feio Cardoso

**A situação profissional e acadêmica dos egressos
do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003
da Universidade do Estado do Pará/ Moju**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade do Estado do Pará. Orientador: Prof. Msc Raimundo Sérgio de Farias Júnior.

Moju

2011

Dados Internacionais de catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca da Universidade do Estado do Pará, Moju – PA

Costa, Daniele da Silva

A situação profissional e acadêmica do egresso do curso de licenciatura plena em pedagogia ano 2003 da Universidade do Estado do Para- Moju / Daniele da Silva Costa; Márcia do Socorro Feio Cardoso, 2011.
75 f.

Orientador: Raimundo Sérgio de Farias Junior

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Universidade do Estado do Pará / Moju, 2011.

1. Ensino Superior. 2. Egressos - Pedagogia. I. Farias Junior, Raimundo Sérgio, orient. III. Título.

Daniele da Silva Costa

Márcia do Socorro Feio Cardoso

**A SITUAÇÃO PROFISSIONAL E ACADÊMICA DO EGRESSO DE
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA ANO 2003 DA
UEPA/ MOJU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade do Estado do Pará.

Data de aprovação: 19/12/2011

Banca Examinadora:

Prof^o. Msc. Raimundo Sérgio de Farias Júnior- Orientador

Prof^o. Alex de Azevedo Martins - Membro 1

Esp. em Ciências Sociais- Área Política

Universidade do Estado do Pará -

Prof^a. Margareth Alves dos Santos- Membro 2

Especialista em Educação Inclusiva

Universidade do Estado do Pará

Dedicamos

À Deus, aos nossos familiares, aos nossos educadores da Universidade do Estado do Pará, aos nossos amigos e todos que contribuíram para a realização desse sonho.

Daniele da Silva Costa
Márcia do Socorro Feio Cardoso

AGRADECIMENTO

São as universidades que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substituí. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil.

TEIXEIRA

RESUMO

O presente estudo objetivou verificar como se encontram os trabalhadores da educação ano 2003 da Universidade do Estado do Pará de Moju, tanto no ramo empregatício como no ramo educacional. A análise metodológica da pesquisa pautou-se no Materialismo Dialético. Realizou-se a pesquisa de campo por meio de questionários, englobando também a pesquisa explicativa, a qual é considerada de maior utilidade e de valor para as ciências em geral, e tem por objetivo a explicação dos fatos, fenômenos, causas. O público alvo da pesquisa foi constituído pelos egressos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da Universidade do Estado do Pará/ Moju. Por fim, apresentamos algumas aproximações, contradições e afirmativas, as quais são apenas demonstrações até onde conseguimos chegar com o estudo desenvolvido.

PALAVRAS – CHAVE: Ensino Superior. Egresso. Pedagogo.

RESUMÉ

Cette étude visait à déterminer comment les travailleurs d'éducation année 2003 d'enseignement à l'Université du Pará/Moju, tant dans les affaires et l'emploi dans le domaine de l'éducation. Une analyse méthodologique de la recherche était basée sur le Matérialisme Dialectique. Nous avons mené l'enquête de champ au moyen de questionnaires, englobant également la recherche explicative, ce qui est considéré comme plus utile et de valeur aux sciences en général et vise à expliquer les faits, les phénomènes, les causes. Le public cible de l'enquête a été fait par les diplômés du cours de deuxième cycle en éducation année pleine 2003 de l'Université du Pará / Moju. Enfin, nous présentons quelques approches, les contradictions et les déclarations qui ne sont que des déclarations aussi loin que nous pouvons obtenir à l'étude développée.

MOTS – CLES: Enseignement Supérieur. Egress. Pédagogue.

LISTA DE SIGLAS

- CFE** - Conselho Federal de Educação
- CLT** - CONSOLIDAÇÃO DE LEIS TRABALISTA
- CNE** - Conselho nacional de educação
- INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Pedagógicas
- LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação
- MEC** - Ministério da Educação
- NURBAT** - Núcleo Universitário Regional do Baixo Tocantins
- ONGs** - Organização Não Governamental
- PA** - Pará
- TCC** – Trabalho de Conclusão de Curso
- UECE** - Universidade Estadual do Ceará
- UEPA** – Universidade do Estado do Pará
- UNESP**- Universidade do Espírito Santo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	14
1 – PRIMEIRAS PALAVRAS... ..	15
2- O PROCESSO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO BRASIL	22
2.1- UMA BREVE HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL	25
2.2- CURSO DE PEDAGOGIA EM QUESTÃO: CAMPO DE ATUAÇÃO.....	306
2.3- AS METAMORFOSES NO MUNDO DO TRABALHO.....	338
3- DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA QUANTO AS SUAS DISCUSSÕES E RESULTADOS	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERENCIAS	65
APÊNDICE.....	69

APRESENTAÇÃO

Pensar universidade é pensar o mundo que se quer mais humano, mais justo, mais sábio. Preocupar-se com o futuro da universidade faz sentido na medida em que essa pré-ocupação abre novas perspectivas que forcem o futuro a falar. Mas o futuro permanecerá mudo as nossas interrogações se não tivermos presentes as lições do passado (BARBIERI, 1999, p. 10-11).

A educação, na concepção Freiriana é permeada pelo diálogo, que não é somente “troca de ideias”, mas sim um encontro entre duas pessoas que buscam a significação das coisas através da ação/reflexão no compromisso, na atuação, na militância com a transformação social. A educação, nesse sentido, associada a uma ação pedagógica transformadora assume o compromisso com a emancipação dos educandos, bem como a superação das desigualdades sociais existentes.

O Curso de Pedagogia, inserido neste contexto, bem como o profissional formado nessa área, deveria formar profissionais que assumissem o compromisso com a transformação societal. Se, por um lado, a educação tem que formar os profissionais que devem ingressar no mundo do trabalho, por outro, ela pode formar indivíduos que, conscientes, possam lutar pela construção de um mundo melhor.

As questões que nortearam este estudo foram geradas a partir de estudos acerca de como se encontram os trabalhadores da educação ano 2003 da Universidade do Estado do Pará/ Moju, tanto no ramo empregatício como no ramo educacional; onde estes sujeitos estão atuando na sociedade, e principalmente, se a própria instituição formadora lhe propiciou suportes para as suas formações.

Desta forma, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está estruturado em três capítulos com seus principais aspectos. No 1º Capítulo, apresentamos como se desenvolveu a trajetória metodológica da temática investigada com os egressos de Pedagogia ano 2003 da UEPA de Moju. No 2º Capítulo, abordamos o processo histórico da Universidade pública e do Curso, Campo de atuação e as Mudanças no mundo do trabalho. No 3º Capítulo, apresentamos tanto o desenvolvimento da pesquisa quanto suas discussões e resultados referentes aos egressos do Curso de Pedagogia e as contribuições ao Pedagogo, para que a partir deste estudo haja reflexões qualitativas indispensáveis aos próximos ingressantes do Curso e aos próprios pesquisados. Por fim, apresentamos as considerações finais referentes ao trabalho desenvolvido.

1 – PRIMEIRAS PALAVRAS...

A necessidade de construção dessa pesquisa sobre a Educação Superior intitulada “A Situação Profissional e Acadêmica do Egresso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA Moju / PA” consiste, primeiramente, em identificar se a universidade ofereceu aos seus alunos, agora egressos, uma sólida formação teórica e prática necessária a sua inserção no mundo do trabalho, bem como o prosseguimento a sua vida acadêmica.

Destarte, esta pesquisa, tem como problemática uma hipótese inicial que orientou nossa investigação: os egressos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia encontram muitas dificuldades para ingressar no mundo do trabalho ou mesmo prosseguir estudos acadêmicos posteriores. Assim, nossa inquietação a respeito sobre a real situação do egresso de Pedagogia é se a Universidade ofereceu subsídios na formação destes, como as ofertas regulares de atividades de ensino (transmissão de conhecimento), pesquisa (produção de novos conhecimentos) e extensão (prestação de serviços à comunidade); se os estágios durante o curso estavam ligados a Teoria recebida em sala, entre outras indagações.

Sobre essas questões se ergue a nossa problemática: qual a situação profissional e acadêmica dos egressos do curso de licenciatura plena em pedagogia ano 2003 da UEPA de Moju?

Na determinação desse problema, selecionamos o assunto que aspirávamos cogitar, o qual brotou de leituras, de dificuldades e de observações. Ao decidirmos investigar o assunto que partiu de acordo com o interesse atual referente ao nosso Curso de Pedagogia, definimos e elaboramos o problema. Sendo assim, essa é uma fase muito complexa e trabalhosa de análises e sínteses, pois pressupõe a elaboração de um referencial crítico do que se está escrevendo e sendo pesquisado.

Assim, é necessário compreendermos que hoje vivenciamos uma metamorfose no mundo do trabalho:

O sentido de todas essas mudanças é claro: de um modo geral, as políticas de educação superior da quase totalidade dos países estão levando a universidade a adotar um modelo, também chamado de “anglo-saxônico”, que a configura não mais como uma instituição social, e moldes clássicos, mas como uma organização social neoprofissional, heterônoma, operacional e empresarial/competitiva (SGUISSARDI, 2004).

As recentes transformações pelas quais passa a universidade na atualidade provocaram mudanças em sua estrutura e dinâmica. Gradativamente, o tripé ensino, pesquisa e extensão

vai sendo desmontado. A própria formação do pedagogo, inserida nessa tessitura, vai sendo modificada.

Diante disso, faz-se, emergencialmente, necessário potencializarmos a função da universidade como instituição de saberes, onde possamos vivê-la, investigá-la, criticá-la, e principalmente, oferecer o tão esperado retorno à sociedade e possibilitar aos sujeitos suportes na luta contra toda a forma de humilhação, opressão, injustiça social que exclui as massas do acesso a uma formação crítico reflexiva, tanto profissional quanto acadêmica deste egresso, na perspectiva de que O homem não pode tornar-se homem senão pela educação (KANT, 1966, p. 73).

Mediante as questões expostas, esta pesquisa se desenvolve em duas etapas. A primeira delas está sub-dividida em dois momentos, respectivamente: um voltado, à pesquisa de natureza mais propriamente teórica e a posterior à pesquisa empírica. Neste primeiro momento, realizamos um levantamento bibliográfico em livros, sites, artigos, revistas, procurando explicar o problema dos egressos do curso de pedagogia ano 2003 da UEPA de Moju – Núcleo Universitário Regional do Baixo Tocantins (NURBAT), a partir de referências teóricas publicadas em documentos, em que recolhemos conhecimentos prévios os quais possibilitaram o suporte a nossa intervenção diante a temática.

Ao longo da leitura e análise da bibliografia necessária ao aprofundamento do tema/problema, surgiram novas inquietações que foram sendo dirimidas ao longo da pesquisa bibliográfica realizada.

Após esses procedimentos teóricos metodológicos realizamos a pesquisa de campo, que segundo Marconi e Lakatos (1996) é uma fase realizada após o estudo bibliográfico, para que nós pesquisadoras tenhamos um bom conhecimento sobre o tema/problema, pois nesta etapa definimos os objetivos da pesquisa, as hipóteses, o meio de coleta de dados, tamanho da amostra e como foram analisados de acordo com os pesquisados do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, lembrando que:

A aprovação da Resolução CP/CNE nº 1/2006, publicada no Diário Oficial da União em 15 de maio de 2006, redimensiona então, o perfil de formação do Pedagogo [...]. A nova proposta de formação favorece a superação da distinção entre as especialidades, antes traduzida através de um currículo-mosaico, extremamente fragmentado, distanciado do universo da experiência pedagógica em sua plenitude de possibilidades. O modelo de formação do Pedagogo que antecede a atual legislação organizava-se, de modo geral sob a forma de habilitações, específicas à docência e ao bacharelado. Atualmente se desfaz a ênfase curricular sob a ótica da especialidade refletida no modelo das habilitações - que tornou evidente a divisão do trabalho educativo nas unidades de ensino e nos órgãos gestores dos sistemas. Já não é possível aceitar uma formação profissional esfacelada - do pedagogo/professor (educação infantil e/ou séries iniciais) e do pedagogo/bacharel (técnico e especialista), como sujeitos portadores de conhecimentos distanciados, cuja função precípua, inerente à ação educativa, [...] das ferramentas de atuação técnico-burocrática ou da docência, sem espaço para a necessária articulação. (ARAÚJO e VIANA, 2011, s/p).

O método empregado nesta pesquisa acerca da temática da situação profissional e acadêmica dos egressos de Pedagogia ano 2003 da UEPA de Moju foi o Materialismo Dialético, que passou por diversos momentos históricos imprescindíveis ao nosso conhecimento.

Sócrates foi considerado o principal dialético da Grécia Antiga, o qual esclarecia as questões advindas da sociedade, ou seja, ele instigava a disputa, já que os sujeitos livres eram políticos e os escravos, os trabalhadores submissos.

Para Aristóteles, a quem Marx chama de “o maior pensador da Antiguidade”, a dialética era apenas auxiliar da filosofia. Ele a reduzia à atividade crítica. Não era, portanto, um método para se chegar à verdade; era apenas uma aparência da filosofia, uma “lógica do provável”. Para ele o método dialético não conduz ao conhecimento, mas à disputa, à probabilidade, à opinião (GADOTTI, 2001, p. 16).

No início da Idade Moderna, em oposição à concepção da Idade Média, surgiu a figura de Hegel com uma dialética puramente filosófica, ideal, ou seja, uma dialética onde a ideia é uma conciliação para exemplificar. Tomam-se os períodos históricos: antes vivenciávamos o Sistema Feudal e hoje estamos no Sistema Capitalista. Nesta acepção dialética a ideia cria a matéria e a própria sociedade é obrigada/condenada a entendê-la (pensar e fazer). E assim, Hegel chega ao real, ao concreto, partindo do abstrato: a razão domina o mundo e tem por função a unificação, a conciliação, a manutenção da ordem do todo (GADOTTI, 2001, p. 18).

A partir da dialética de Hegel, Marx começa seus estudos sobre lógica, o qual investe, mas não se opõe ao pensamento de Hegel. Marx concebe a dialética não somente como um Método para se chegar à verdade, e sim como uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo, pensamento este totalizado e não realizado isoladamente.

Assim, independentemente de sabermos que a matéria existe, ela sempre existirá, pois a mesma cria a idéia / realidade, a qual só pode se transformar se a entendermos; e que o mundo é sempre a sua reflexão. Marx contribui dizendo:

O essencial é que a análise dialética compreenda a maneira pela qual se relacionam, encadeiam e determinam reciprocamente, as condições de existência social e as distintas modalidades de consciência. [...] é evidente que as modalidades de consciência fazem parte das condições de existência social (GADOTTI, 2001, p. 21).

Nesta passagem, podemos refletir acerca das contradições sociais que hoje presenciamos, no caso o Sistema Capitalista, que não é muito desigual da Idade Média, e a dialética de Sócrates ligada somente à aparência, à uma filosofia, que, por sua vez, naquele período, os indivíduos ocupavam todo seu tempo para o trabalho, não sobrando ocasião para o raciocínio.

No entanto, chegou um determinado período em que pensavam que as máquinas eram as culpadas pela sua substituição, mas infelizmente não era, e sim o Capitalismo, que não permitia e até hoje não possibilita as pessoas entenderem o porquê das coisas, o porquê dos trabalhadores não ganharem mais, não conseguirem um trabalho com condições dignas, uma casa melhor, uma educação emancipadora e, principalmente, o que é o Capitalismo e no que ele interfere.

É necessário, como dizia Marx, compreender que o mundo não existe somente na ideia, no espiritual, mas sua existência é real, material, independentemente do saber deste ou daquele homem. Deve-se considerar no ramo desta dialética Marxista cada objeto com suas próprias características, o seu devir, e, mais imprescindível ainda, as suas contradições.

Desta forma, nossa pesquisa adotará o Método Dialético de Marx que só depois de muitos trabalhos realizados segundo Gadotti (2001, p. 31), é que pôde anunciar, manifestar, o seu método “natural”, concreto, não-abstrato.

A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído esse trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção *a priori*.

Nosso estudo se desenvolveu de tal forma que houve uma apreensão de sua totalidade. Buscou-se intervir na pesquisa de forma satisfatória e acessível a ambos os lados; e, principalmente, de descobrir os elementos contraditórios existentes com os egressos de

pedagogia ano 2003 da UEPA de Moju, em que Gadotti (2001, p. 35) simplifica o método a que nós nos propusemos:

O método dialético, desse modo, revelar-se-á ao mesmo tempo rigoroso (já que se liga a princípios universais) e o mais fecundo (capaz de detectar todos os aspectos das coisas, incluindo os aspectos mediante os quais as coisas são ‘vulneráveis à ação’).

Esta pesquisa de campo englobou também a Pesquisa explicativa, a qual é considerada de maior utilidade e de maior valor para as ciências em geral, e tem por objetivo a explicação dos fatos, fenômenos, causas.

A pesquisa qualitativa é uma denominação que protege correntes de pesquisa muito diferentes. Essas correntes se baseiam em determinados pressupostos contrários ao modelo experimental e tomam métodos e técnicas diferentes dos estudos experimentais. Esta abordagem qualitativa parte de um aprofundamento que existe uma relação dinâmica entre o sujeito e o mundo real, um relacionamento vivo entre o sujeito e o objeto; este último não é um dado imparcial, possui significados e relações que os sujeitos criam em suas ações.

Em nossa pesquisa qualitativa, utilizamos de acordo com Chizzotti (2005) alguns aspectos característicos da dinâmica entre sujeito e o objeto no processo de conhecimento: 1) A delimitação e a formulação do problema dos egressos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano de 2003 da UEPA de Moju, pois a delimitação do problema não resulta de uma informação precedente e individual, e sim implica no mergulho do pesquisador na vida e no cotidiano, em partilhar a prática nas experiências e percepções que os sujeitos possuem desses problemas, visto que, a delimitação é feita em um campo onde a questão inicial é explicada; 2) O pesquisador, cuja parte é fundamental da pesquisa explicativa, devendo despojar-se de preconceitos para adotar uma reação aberta para todas as manifestações que observa; 3) Os egressos de Pedagogia do ano de 2003, que são na pesquisa qualitativa, os entrevistados ou sujeitos, os quais criam conhecimentos e constroem práticas para intervir nos problemas.

Durante a pesquisa, criou-se uma relação diligente entre o pesquisador e o pesquisado, haja vista que encontramos dados satisfatórios a nossa curiosidade acadêmica acerca de algumas questões pertinentes a formação do pedagogo: se a Licenciatura era o curso inicialmente desejado? Se a formação adquirida durante os quatro anos de Curso foi satisfatória para esse egresso? Se há a percepção durante e após a academia do que realmente seria o papel do Pedagogo? Se, ao prestarem concursos públicos, quantos conseguiram passar? Se a Universidade formou cidadãos críticos reflexivos de sua atuação em sociedade.

Nesse pensar, é necessário entendermos que a educação não deve servir apenas para ajustar as pessoas a exercerem alguma atividade produtiva, mas deve também formar indivíduos que possam atuar politicamente para a transformação do mundo. Talvez seja essa uma modesta contribuição que a educação deva oferecer a sociedade:

O problema principal está em nos questionarmos se de fato a educação deveria ser a principal responsável por salvar o mundo ou se modestamente constitui uma atividade que vale apenas ser exercida em uma sociedade democrática, justamente por que não redime o mundo dos males, mas pode realizar um minúsculo papel na formação dos seres humanos que decidam transformá-los (GENTILI, 2008, p.16).

No que concerne especificamente Gentili (2008) a educação, ainda que modestamente, pode contribuir para a formação de seres humanos que decidam se modificar a si próprios e a sociedade. Tendo em vista também esse compromisso sóciopolítico que nós educadores podemos assumir é que percebemos como é de grande relevância analisar a situação profissional e acadêmica dos egressos do Curso de Pedagogia.

Neste sentido, a referente pesquisa foi realizada por meio de questionários aplicados junto aos egressos, sendo que neste ano a própria grade curricular era dessemelhante da qual hoje rege o Curso de Pedagogia, que o Pedagogo exercia funções com raras diferenças das quais hoje nós somos formados adentrando hoje em vários espaços com:

Empresas, hospitais, ONGs, associações, igrejas, eventos, emissoras de transmissão (rádio e Tv), e outros formam hoje, o novo cenário de atuação deste profissional, que transpõe os muros da escola, para prestar seu serviço nestes locais que são espaços até então restritos a outros profissionais. Esta atual realidade vem quebrando preconceitos e idéias de que o pedagogo está apto apenas para exercer suas funções na sala de aula (NOGUEIRA, 2009, s/p).

Para Chizzotti (2005) o questionário consiste em um conjunto de questões pré-organizadas, sistemáticas e elaboradas em sintonia com o tema da pesquisa, e que tem como objetivo suscitar dos entrevistados, os egressos de Pedagogia ano de 2003, respostas escritas ou verbais sobre o assunto. É uma interlocução planejada, a qual necessita que o pesquisador saiba: claramente as informações que se busca, o objetivo da pesquisa e de cada pergunta, o quê e como pretende medir ou confirmar suas hipóteses. É uma tarefa que exige critério e planejamento.

Faz-se necessário que o informante compreenda claramente as questões que lhes são propostas, sem dúvida de conteúdos. Vale lembrar, que o questionário tem que conter estrutura lógica: seja progressivo, seja preciso e coerentemente articulado, que se faça uso de linguagem simples, usual, exata e facilmente inteligível.

Na seleção dos entrevistados, priorizamos para a coleta de dados os alunos egressos do Curso de Pedagogia do ano de 2003. Feita a recolha das informações, adentramos na última fase, na qual fora feita a análise dos dados recolhidos, realizando-os no seguinte processo: 1º - Realização da pesquisa de campo com os egressos de Pedagogia ano de 2003 UEPA de Moju; 2º - Transcrição dos dados para o programa de tabulação (Ex: Excel) e 3º - Geração dos gráficos e demais elementos de análise apropriados no formato da questão.

A intenção, ao tomar os referidos procedimentos, foi de nos permitir alcançar os objetivos propostos para a realização desta pesquisa, os quais são: analisar, identificar e verificar a situação profissional e acadêmica dos egressos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 UEPA – MOJU.

2- O PROCESSO HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA NO BRASIL

São as universidades que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil. (TEIXEIRA, 1988).

Os primeiros anúncios históricos da existência da Universidade no século XIII traziam consigo algumas noções de seu conceito tais como: a escola que atraía estudantes de todas as partes e não apenas de uma região; o local de educação superior e a localidade onde os assuntos eram ministrados, por um número considerável de professores.

Verger (1999) considera também algumas causas do surgimento da Universidade neste século, apontando algumas questões como a renovação do saber, a pressão social exercida por aqueles que pretendiam obter melhores condições de qualificação profissional e, por conseguinte, a própria vontade política que permitiu oferecer, à nova instituição, sua legitimidade e seu estatuto jurídico.

Contudo, as primeiras instituições criadas no Brasil foram: a Universidade do Rio de Janeiro criada em 1920 pelo governo federal, por meio da reunião de algumas escolas profissionais preexistentes; a Universidade de São Paulo (USP) criada em 1934 por intelectuais que se articulavam em torno do jornal *O Estado de S. Paulo*; e a Universidade do Distrito Federal (UDF) criada por Anísio Teixeira em 1935 pela reforma de ensino por ele cultivada, como secretário de Educação no Estado do Rio de Janeiro.

As universidades formavam homens competentes nos seus respectivos saberes para se colocarem a serviço dos poderes e para fazer “triumfar tais idéias”. De fato, naquela época, era evidente a idéia de que todo Estado ou principado deveria possuir universidade, cuja causa e objetivo eram a formação das elites religiosas e administrativas das quais os poderes existentes teriam necessidade (LINHARES, 2005, p. 29).

Nota-se com esta passagem que, na origem da Universidade, só poderia adentrar nessas instituições aqueles que detinham um poder aquisitivo superior aos demais, ou seja, a classe trabalhadora era excluída deste ensino, a qual só deveria ser explorada (a maioria não sabia que estava sendo oprimida), enquanto que do mais importante – educação – naquela época e nos dias atuais não tinha esse privilégio.

Em meados dos anos 20, até a chamada redemocratização em 1945, o Brasil viveu um momento extremamente complexo, marcado, principalmente, pela crise do sistema oligárquico tradicional. Esse contexto condiciona um sistema de educação de massa devido o crescimento da industrialização, da urbanização e da rede pública de ensino primário, visto que a partir desse momento houve o surgimento de diferentes projetos de educação das elites

que eram os dirigentes do processo de transformação da sociedade brasileira, via a reorganização da escola secundária e do ensino superior.

Ao revés de Paulo Prado, eu diria: numa terra radiosa, vive um povo alegre em eterna servidão. A reforma universitária não nos libertará dessa servidão. Mas nos poderá ensinar os caminhos intelectuais e políticos que permitirão conquistar a própria liberdade intelectual e política, condição moral para extinguir todas as formas de servidão, internas e externas, que metamorfoseiam uma terra radiosa e um povo alegre numa realidade triste. (FERNANDES, 1975).

O ensino superior em meio ao populismo passou por um primeiro surto de expansão no país. Cunha (1983) assinala algumas características desse processo, como os números de universidades existentes no país que cresceu de 5 em 1945 para 37 em 1964. E neste mesmo período, as instituições isoladas aumentaram de 293 para 564. Dessa forma, Cunha chama atenção pelo fato de que enquanto o número de universidades multiplicou-se por 7, o de escolas isoladas não chegou a dobrar.

O mesmo autor explica essa expansão pela ampliação do ingresso na universidade, devido ao processo de equivalência dos cursos técnicos ao curso secundário, que se iniciou nos anos 50 e culminou com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, a qual buscava uma resistência, pois para os autores, essa força seria a justificativa para o fato de que críticas e pressões decorridas de diferentes setores sociais não tivessem conseguido encaminhar, até meados da década de 1960, nenhum projeto mais abrangente de reforma universitária.

A própria LDB, nada incorporando do debate que então se travava sobre os rumos da universidade, começava a passar por mudanças ainda no governo Vargas. Com o avanço do processo de industrialização do país, a cúpula governamental começava a mostrar-se sensível à questão da necessidade de formação de pessoal técnico de alto nível.

Nessa contextura, a Lei nº 5.540/68¹ afirmava, explicitamente, constituir-se a universidade na forma ideal de organização do ensino superior, no tripé ensino, pesquisa e extensão, restringindo-se particularmente entre ensino e pesquisa, sendo esta última a própria característica da universidade.

¹ Para Sguissardi (2002) a lei 5.540/68 é ajudar e prover a segurança do novo modelo de crescimento. Se em inúmeros poder-se-ia destacar o sucesso de reforma, a exemplo da consolidação da pós-graduação no País e da estruturação da carreira docente nas instituições federais, em outros, contudo, o ensino superior distanciou-se de forma flagrante do modelo pretendido pela reforma de 1968. Embora se pretendesse instituir a universidade como forma predominante para a oferta de educação superior, os estabelecimentos isolados não desapareceram de cena: tais 871 IES existem no País em 1988, 83 eram universidades e 788 isoladas e federações(Brasil, 1990), concentrando-se as matrículas nas primeiras – de um total de 1.470.559 alunos matriculados em 1987, 761.240 estavam em universidade e 709.319 em instituições isoladas e federações (p. 77).

A autonomia da universidade não teve condições para sua verdadeira efetivação no contexto do regime autoritário, devido em parte o controle centralizado dos recursos tanto materiais quanto financeiros pelo governo federal ter acabado, dessa maneira, atrelando o seu funcionamento às políticas governamentais. E também pelo governo das universidades, este estruturado por uma espécie de acordo entre as coordenações acadêmicas tradicionais e os novos segmentos da comunidade acadêmica, ter formado diferentes tipos de composição entre essas partes que definem uma estrutura de poder nem sempre orientada pela dimensão propriamente acadêmica.

Posteriormente, ao longo do século XIX, redefinida em suas atribuições e em seu desígnio, a Universidade exerceu, também, um papel expressivo no procedimento de concretização dos Estados nacionais:

A Universidade é, certamente, uma das criações mais originais e fecundas da civilização [...]. Surgidas por volta de 1200, as universidades configuram-se, no dizer de Jacques Verger, como “instituições de tipo corporativo, ligadas ao progresso urbano e destinadas ao que denominamos, atualmente, ensino superior (LINHARES, 2005, p. 20).

Assim, as universidades foram criadas, na abordagem de Linhares (2005), com o compromisso de formação ética, com os princípios da igualdade entre as pessoas, com o governo do povo, com dignidade da pessoa humana e com a formação e a construção da cidadania. A mesma como instituição de responsabilidade social deve ser um local onde haja a construção, o respeito e o exercício a essa cidadania, como “o direito a ter direitos” de participação de valores, de erradicação das desigualdades sociais através de sua autonomia, sendo princípio fundamental da educação do educando, para a conscientização em qualquer instância, levando a cada indivíduo a criticidade rigorosa de seu papel diante da sociedade.

Dessa forma, será que hoje em meados do século XXI o capitalismo não deixa a desejar àqueles que almejam uma educação de qualidade? Assim sendo, a Universidade como instituição educacional, regida por leis como a de nº 1366/2001, exarado pelo Conselho Nacional de Educação- CNE define o seguinte:

Universidades são caracterizadas como instituições de excelência, que articulam ensino, pesquisa e extensão de maneira indissociável. Com condições para cumprir esses objetivos, devem apresentar elevada porcentagem de docentes com titulação acadêmica e efetiva produção intelectual institucionalizada, nos termos do que dispõe a LDB, além da prática investigativa que se associa ao ensino de graduação de alta qualidade, observados também os dispositivos legais referentes ao percentual mínimo de professores em regime de tempo integral [...]. As universidades devem, ainda, desenvolver atividades de extensão relevantes para o contexto social no qual se inserem (LINHARES, 2005, p. 71).

Entende-se, portanto, que a educação superior direcionada aos seus objetivos e leis educacionais vigoras em nosso país, como a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), CNE, Lei 5540/68, entre outras, devem buscar uma educação emancipadora, formar instituições que procurem o avanço de saberes e do saber fazer. E que além das salas de aulas, a universidade deve constituir pessoas, cidadãos e profissionais, não somente para atuar no mundo do trabalho, mas difundir, de alguma forma, o conhecimento necessário nos ambientes onde vão atuar tentando de alguma maneira mudar para melhor aquele contexto social.

Entre outras normas societais, as quais devem estar atreladas a questão social, e não somente ao desenvolvimento científico e tecnológico, uma instituição comprometida com a formação ética, com os princípios da igualdade, com a democracia, com a dignidade da pessoa humana, com a oportunidade no mundo do trabalho e condições de permanecer no mesmo, necessita priorizar a construção da cidadania, que é um dos princípios básicos da educação, em que esse ensino deva voltar-se não somente para o homem, mas para a sociedade, para seu país e para o mundo.

É de suma importância discutir as dificuldades e motivações do pedagogo de uma maneira crítica, melhorando as questões concernentes a sua formação e a sua inserção no mercado de trabalho, em que neste último se deva verificar, de certa forma, o que a Universidade lhe propiciou e agora como egresso, está lhe propiciando, tanto no campo pessoal quanto acadêmico e/ou profissional.

Faz-se preciso em sua formação que eles próprios – os pedagogos – sejam desafiados por situações problemas que os confrontem com diferentes obstáculos, exigindo superação, e que as experiências os levem à reflexão e, conseqüentemente, à conscientização, a partir de teoria e prática interligadas.

Urge sem dúvida, neste aspecto, uma maior valorização para o profissional da educação, pois o pedagogo pode fazer a diferença, seja por uma formação apuradamente crítica, seja pela conscientização e/ou, como pronunciava Freire, pela forma de interpretar o mundo de diferentes maneiras; o que importa é sua transformação.

2.1- UMA BREVE HISTÓRIA DO CURSO DE PEDAGOGIA NO BRASIL

O Curso de Pedagogia no Brasil iniciou-se, segundo Nóvoa (1995), com o intuito de buscar reconhecer, na sociedade, a identidade do pedagogo e atrelá-la, ao processo de

constituição da profissão de magistério, a instalação da escola pública e a formação profissionalizante do educador.

Em meados do século XX, através de movimentos e lutas de pioneiros da Escola Nova, nos quais o diálogo começa a ter maior destaque, como idéia primordial da pedagogia, os mesmos pioneiros buscavam desenvolver relações democráticas em um ambiente educacional libertador.

Freire, nesse período, surge com uma inovadora forma de diálogo, possuindo um caráter essencialmente político, e como ele próprio pronunciava: o diálogo dos oprimidos. E nesse período, implanta-se no Brasil a Universidade pública:

Com efeito, em 1932, Anísio TEIXEIRA propõe a criação da “Escola de Professores” no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, incorporada em 1935 à Universidade do Distrito Federal. Foi a primeira escola de formação de professores em nível universitário; entretanto, a experiência foi interrompida em 1938. O governo Getúlio Vargas cria em 1937 a Universidade do Brasil que previa uma Faculdade Nacional de Educação que, pelo Decreto Lei nº 1.190 de 1939, recebeu a denominação de Faculdade Nacional de Filosofia, dividida em quatro seções: filosofia, ciências, letras e pedagogia – e mais uma, didática. É a primeira vez que aparece na legislação um curso específico de pedagogia que formaria o licenciado para o magistério em cursos normais, oferecendo, também, o bacharelado para o exercício dos cargos técnicos de educação (LIBÂNEO, 2006, p. 95).

De início, questionava-se no curso sobre a real identidade do Pedagogo, com algumas objeções: Para que formar Pedagogo? Qual sua função? O mesmo traria consigo somente uma atuação em sala de aula, e hoje está muito diferente, pois suas funções se expandiram, aderindo outros espaços:

Dessa forma, a educação em espaços não escolares vem confirmar esta discussão que vivenciamos. A atuação do pedagogo ultrapassa o espaço escolar, que até pouco tempo, era seu espaço (restrito) de trabalho, para se inserir num novo âmbito de atuação com uma visão redefinida da atuação deste profissional. (NOGUEIRA, 2009, s/p).

No entanto, Gadotti (2001, p.71) complementa acerca da educação repassada não somente em sala de aula, mas em qualquer espaço onde se encontre um educador: O ato educativo é essencialmente político. O papel do pedagogo é um papel político. Não acredito numa educação neutra; ou fazemos uma pedagogia do oprimido ou fazemos uma pedagogia contra ele.

O espaço pedagógico é um espaço político, dialógico, em que o tradicionalismo não se faz presente. É um espaço dependente de autonomia desde o Diretor até o Aluno, e o pedagogo deve exercer outras funções além de conduzir crianças, pois hoje vivemos em um

momento em que infelizmente a condução educativa deve voltar-se também para o próprio adulto e para o educador, visto que este último deve possuir uma postura, não de autoritarismo e muito menos de descomprometido, mas e um educador que faça de seu ambiente uma educação voltada à conscientização. E que essa consciência surja a partir de um processo histórico, exigindo um rigor, como dizia Paulo freire, no esforço para a realização desse processo.

A Pedagogia para Libâneo (1994) é um campo de conhecimento que estuda a natureza da educação em uma determinada sociedade, no entanto, ela procura aprimorar meios para a formação dos indivíduos, para a vida social. Cabe a ela criar um conjunto de condições metodológicas, para que haja um trabalho de ensino aprendizagem, que se conjuguem fatores externos e internos. Vale ressaltar que o estudo teórico da Pedagogia no Brasil, passa por um reavivamento, principalmente a partir das investigações sobre questões educativas baseadas nas contribuições do materialismo histórico e dialético.

A pedagogia sendo ciência que estuda a educação, a instrução e o ensino, estrutura-se em ramos de estudos próprios como: a Teoria da Educação, a Didática, a Organização Escolar, e a História da Educação e da Pedagogia, e procura, em outros conhecimentos teóricos e práticos, a justificação do seu objeto, o fenômeno educativo, sendo eles: a Economia da Educação, a Sociologia da Educação, a Psicologia da Educação, a Biologia da Educação, a Filosofia da Educação, entre outras. Vale lembrar que o principal ramo da pedagogia é a Didática, a qual investiga fundamentos, condições e modos de realização da instrução e do ensino.

Outro fator a ser mencionado nesta pesquisa, é a formação do educador, entendendo-se que durante quatro anos de estudo ele não atua exclusivamente na sala de aula, mas está disposto a transformações, sendo seu papel de mediador do conhecimento em qualquer espaço diversificado, proporcionando o desenvolvimento profissional e o crescimento pessoal do educando.

Libâneo (1994), sobre o papel educacional, ressalta que a formação integral do pedagogo é essencialmente necessária para a reformulação de práticas educativas que promovam a melhoria da educação. No entanto, pretendemos compreender o que seria de extrema necessidade para o alcance do ideal de educação, sem essa preparação, sem essa formação sólida de que o pedagogo precisa na instituição universitária, e como se daria, na prática, a aplicação destes estudos na construção de uma gestão e de uma educação mais democrática.

No que tange às motivações para o ingresso no Curso de Pedagogia, sobre a concepção de educador, na qual qualquer um pode ser professor, desde que domine meia dúzia de técnicas pedagógicas (KUENZER, 1999, p.182), tem-se produzido a destruição da possibilidade de construção de um professor qualificado para atender as novas demandas, o que justifica baixos salários, condições precárias de trabalho e ausência de políticas de formação continuada que valorize o esforço e a competência de quem luta por um ensino libertador e crítico. Com essa questão negativamente imposta pela sociedade, e outros pontos positivos acerca dessa dimensão, discutiremos as motivações com base na pesquisa Profissão Pedagogo.

Em estudo realizado por Cavalcante e Carneiro, na Universidade Estadual do Ceará, com a investigação Motivações e formação: o que pensam alunos e egressos do curso de pedagogia, observou-se que a afinidade, identificação e conveniência com o Curso, conforme os pesquisados, foram as mais expressas. De acordo com depoimentos dos entrevistados, alguns não possuíam interesse pela licenciatura, ingressaram por “ironia do destino”, mas com sua permanência acadêmica, com a prática do que aprendem teoricamente, perceberam que tinham feito a escolha certa e hoje dizem estar apaixonados, como no relato: Entrei por acaso. Hoje em dia eu adoro. A prática me ajudou bastante, estou apaixonada pelo Curso (Deponente nº 5).

Sob a perspectiva acerca do que pensam alunos e professores das motivações encontradas durante e após o curso, é de suma importância explorar as lacunas existentes no currículo, haja vista que o Curso de Licenciatura em Pedagogia ainda vem sofrendo modificações em sua grade curricular, ora se adaptando a demanda do século XXI, fazendo uma comparação prévia da década de 1960-1964, na qual havia a necessidade de se formar trabalhadores para o mercado capitalista, entre eles os profissionais da educação, o que não difere de muitas Universidades atuais; ora se adaptando às políticas internas do país, como resultado de propostas da própria área de conhecimento do educador.

A Universidade, na maioria das vezes, torna-se responsável por formar o capital humano; por criar a mão de obra para a manutenção do sistema capitalista. Assim, as práticas pedagógicas e a própria visão crítica levará o educador a pensar sua atuação diante dessas visões distorcidas da real necessidade de formação do cidadão.

Essas técnicas devem permear todo o percurso de formação deste profissional, delimitando-o não somente para a funcionalidade do século XXI, mas direcionar o currículo dos cursos de Pedagogia para um contexto em que o educando se tornará, dentro e fora da

instituição, um ser crítico reflexivo de sua realidade, promovendo com o ato pedagógico uma ação do ser humano sobre o outro, para que juntos construam uma sociedade com melhores oportunidades de crescimento e felicidade.

As novas diretrizes para o curso, ainda que modifique alguns aspectos da formação do Pedagogo, não deixa de enfatizar a importância da gestão democrática das instituições que oferecem o curso, pois é através desta formação que o pedagogo, quando atuar nas escolas ou em outros espaços, deverá propor esta gestão antiautoritária e democrática.

Por outro lado, é preciso considerar que, embora deva haver uma coerência entre teoria e prática é de grande significância a aquisição de competências requeridas do pedagogo mediante esta ação, ou seja, toda sistematização teórica articulada com o fazer e todo fazer articulado com a reflexão do educando.

A formação desse professor, em que teoria e prática são abordadas em momentos diversos, com intenções e abordagens desarticuladas, não favorece esse processo, principalmente no meio acadêmico. O desenvolvimento de competências solicita outra estruturação do percurso de aprendizagem, no qual o exercício das práticas, tanto no âmbito escolar como no profissional, urge a reflexão sistemática sobre elas ocupando um lugar central.

O pedagogo, em sala de aula ou em qualquer outro ambiente educativo, deve contribuir para que a aprendizagem se realize. Nada pode substituir a atuação do próprio educando na tarefa de construir significados sobre os conteúdos da aprendizagem. É ele quem vai modificar, através de seus conhecimentos sobre sua realidade, enriquecer e, portanto, construir novos e mais potentes instrumentos de ação e reflexão de seu saber.

A dificuldade que os discentes encontram em conciliar a formação acadêmica com outras atividades como o mundo do trabalho é muito complicada como no relato: Fica muito difícil trabalhar e estudar ao mesmo tempo, sem que haja prejuízo no rendimento da aprendizagem (Depoente nº 13); e a desvalorização do Curso também é um impasse para a formação dos egressos, o curso é muito interessante, mas precisa ser mais valorizado. Até mesmo pelos próprios alunos (Depoente Nº 51).

Essas problemáticas são polêmicas não incomodando somente os alunos acadêmicos, mas também os que saíram da Universidade e estão no mercado de trabalho, e observam essa falta de interesse por parte dos próprios discentes.

No decorrer da pesquisa da UECE, observou-se alguns pontos positivos, tais quais todos os alunos apontaram as atividades curriculares como aspectos relevantes. A

metodologia utilizada pelos professores foi outro ponto levantado, com atividades realizadas em sala de aula, propiciando à aprendizagem a facilitação entre o grupo, o que é de grande valia, pois com uma didática de qualidade haverá uma melhor exploração e criticidade sobre o assunto abordado em sala de aula ou fora dela. Além disso, alguns discentes relatam sobre a dedicação, a amorosidade que os educadores têm pela profissão com o comprometimento e a motivação no processo formativo. Assim, Gadotti (2001, p.71) diz:

Reivindico para o educador o direito à desobediência. A prática da educação começa pela desobediência e pelo desrespeito. [...] É preciso ser desrespeitoso, inicialmente, consigo mesmo, com a pretensa imagem do homem educado, do sábio ou mestre [...]. É preciso ter coragem para praticar a educação dessa maneira, mas é somente dessa maneira que podemos formar gente capaz de assumir a sua autonomia.

Segundo Brito², no Brasil o Curso de Pedagogia, ao longo de sua história, teve acentuado como seu objeto de estudo e finalidade precípuos os processos educativos em escolas e em outros ambientes, sobre maneira a educação de crianças nos anos iniciais de escolarização. Além da gestão educacional. Vale lembrar, que nas primeiras propostas para este curso, a ele se atribui “o estado da forma de ensinar”. De acordo com o Decreto – Lei nº 1.190/939 o qual foi delimitado como o lugar de formação de “técnicas em educação”.

Em 1939, o Curso de Pedagogia oferecia o título de bacharel, o qual tinha que cursar os três anos de estudo em conteúdos específicos da área, quaisquer que sejam fundamentos e teorias educacionais, e o título de licenciado, permitia que o pedagogo atuasse como professor, mais para que isso acontecesse era necessário cursar mais de um ano de estudo, dedicados a Didática e a Prática de Ensino.

No ano de 1961, o currículo do Curso de bacharel em Pedagogia, era composto por sete disciplinas indicadas pelo parecer CFE e mais duas que era escolhida pelas instituições de ensino.

No de 1969, o parecer CFE nº 252 indicou como alvos do curso, preparar profissionais da educação, garantir a possibilidade de aquisição do título de especialista, mediante complementação de estudo. A duração do curso de bacharel e licenciado era de quatro anos. No entanto, com a licenciatura permitia-se o exercício do magistério nos cursos normais, antigo 2º grau do magistério. E também podiam lecionar Matemática, História, Geografia e Estudos Sociais, no primeiro ciclo do ensino secundário, anterior a 1972.

² BRITO, Rosa Mendonça de – artigo- Breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil

Com algumas exigências, no início dos anos 80, algumas Universidades executaram reformas curriculares, de modo a formar, na pedagogia, professores para atuarem na educação infantil e no ensino fundamental menor.

O Curso de Pedagogia, não é estável, ele está sempre proporcionando cursos de formação inicial e continuada para que os docentes possam estar trabalhando tanto com crianças, quanto com jovens e adultos.

Vale ressaltar, que a maior parte dos que pretendiam graduar-se em pedagogia eram professores primários ou tinham alguma experiência em sala de aula. Assim, o curso de pedagogia, ia se tornando um lugar preferencial para educadores do ensino fundamental menor e da educação infantil. Crescia gradativamente o número de professores que não tinham experiência, nem qualquer tipo de conhecimento prévio. Em decorrência desses acontecimentos, o curso sofreu diversas críticas.

2.2- CURSO DE PEDAGOGIA EM QUESTÃO: CAMPO DE ATUAÇÃO.

O desafio fundamental que se põe para o pedagogo, hoje, extrapola as esferas especificamente pedagógicas, situando-se na contradição central da sociedade moderna que, por um lado, desenvolve numa escala sem precedentes as forças produtivas humanas e, por outro, lança na miséria mais abjeta contingentes cada vez mais numerosos de seres humanos. A sociedade capitalista está pondo continuamente, para si mesma, problemas que não é capaz de resolver (ANDRÉA, 2006, s/p).

O art.64 da LDB (Lei n° 9.394/96) apresenta que o curso de pedagogia forma profissionais para atuarem nas áreas como: administrativa, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica a qual será realizada em curso de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação.

O curso de pedagogia com sua estrutura em 1962 ainda persistira até 1969, ano em que foi reestruturado. No entanto, passou a formar especialistas em educação e ainda é ofertado em forma de habilitação e de licenciatura.

É importante ressaltar, que durante todo o percurso do curso de pedagogia, foi cada vez mais aprofundada a identidade do pedagogo no Brasil, a qual foi banalizada por um currículo e por uma profissionalização insatisfeita para a realização de uma tarefa educativa:

[...] não se pode formar o educador com partes desconexas de conteúdos, principalmente quando essas partes representam tendências opostas em educação: uma tendência generalista e uma outra tecnicista. Essas tendências [...] a primeira que exclusivamente na parte comum, considera que ela se caracteriza, “grosso modo”, pela desconsideração da educação concreta com objetivo principal e pela centralização inadequada nos fundamentos em si (isto é, na psicologia e não na educação; na filosofia e não na educação, e assim por diante). A segunda, por sua vez, é identificada com as habilitações, consideradas como especializações fragmentadas. Obscurecendo seu significado de simples divisão de tarefas do todo que é a ação educativa escolar. (BISSOLI, 1999, p 70).

Desde a década de 1970, vem acontecendo debates acerca do curso de pedagogia. Em novembro de 1983, durante o Encontro Nacional para a “Reformulação dos Cursos de Preparação de Recursos Humanos para a educação”, foi confirmado que a docência é a base da identidade profissional de todo educador, e para que essa identidade fosse mais valorizada, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Pedagógicas (Inep/MEC), organizou uma mesa de debates para tratar assuntos que dizem respeito a “Natureza e especificidade da educação”, a qual abordou pontos como: visões diferenciadas do curso de pedagogia e a formação do educador. Este momento ocorreu no dia 5 de julho de 1994, dirigido pelos professores Demerval Saviani e Moacir Gadotti.

O curso de pedagogia se destina à formação de um profissional capacitado para atuar no ensino, na organização e na gestão de sistemas. Com isso, esse pedagogo poderá estar atuando na docência na educação infantil, nas séries iniciais do ensino fundamental, e também nas disciplinas de formação pedagógica no nível médio. No entanto, essa reformulação fez com que se contemplassem os campos de atuação do pedagogo, o qual fora chamado a exercer papéis importantes em outras funções do campo educacional.

O Curso de Pedagogia no Brasil estruturou-se em 1939, desde o primeiro Decreto/lei que regulamentou seu funcionamento e estrutura, estando presentes as dicotomias no campo da formação do educador: professor *versus* especialista, bacharelado *versus* licenciatura, generalista *versus* especialista, técnico em educação *versus* professor.

Vale salientar, que a pedagogia passou por uma crise, na qual os debates teóricos das diferentes posições, em cada período, revelam-se parte complementar da crise por que passa a educação e a sociedade brasileira.

O Campo da Pedagogia como o conhecimento produzido na área educacional e como parte do campo educacional, não ficou isento, envolve o ensino e a escola. Contudo, aconteceram determinadas mudanças no campo de desempenho do pedagogo, o qual foi imposto ao curso a formação dos especialistas, tornando-o, portanto, um curso profissionalizante, e podendo operar em outra área que não fosse somente a sala de aula.

O campo de atuação do pedagogo não está restrito apenas à sala de aula. Hoje em dia esse profissional da educação pode estar atuando em qualquer outra área como hospitalar, empresarial, entre outras, desde que haja uma especialização na área desejada. O mesmo vem definindo-se em várias esferas, sendo estas:

-A escola de 1º e 2º grau: apesar de algumas contradições, o curso de pedagogia prepara o Licenciado para estar trabalhando com: educação infantil, ensino fundamental menor, educação especial, coordenação pedagógica, supervisor, entre outras funções.

-Fora da escola, este profissional pode estar trabalhando em ONGs, Conselhos Tutelares, Igrejas, Postos de Saúde, Empresas, Fóruns, Centros de Recuperação, entre outros.

O campo de atuação é extenso e o mundo do trabalho, estável, mas a carreira estabelece consignação e idealismo.

Segundo, Maria Eliza Brefere, vice-coordenadora do Curso de Pedagogia da UNESP, campus de São José do Rio Preto: O pedagogo é um profissional capacitado a atuar no ensino, na organização e gestão de sistemas, em unidades e projetos educacionais e na produção e transmissão do conhecimento, nas diferentes áreas da educação.

2.3- AS METAMORFOSES NO MUNDO DO TRABALHO

Assim, todos, juntos, continuavam a sua vida cotidiana, cada um a seu modo, com ou sem reflexão; tudo parecia seguir o seu rumo habitual, como em situações extremas, nas quais tudo está em jogo, e a vida continua como se nada acontecesse (GOETHE, 1809, p. 47).

Antunes (2008) destaca as mudanças no mundo do trabalho, desde a década de 60 até os dias atuais, dando ênfase à diminuição da classe operária industrial tradicional, em decorrência do aumento da sociedade de serviços, o conhecido setor terciário. No que tange à nova temática sobre a Situação Profissional e Acadêmica dos egressos do Curso de Pedagogia ano 2003 da Universidade do Estado do Pará de Moju, fica o questionamento a ser respondido no decorrer do texto: Houve mudança no mundo do trabalho que afetou de alguma forma também a formação do pedagogo e seu próprio ingresso no mundo do trabalho?

No início da década de 1960, com as inúmeras indústrias, houve um contingente maciço de operários com apenas o ensino fundamental para o atendimento ao mercado capitalista e a expansão expressiva do trabalho assalariado, sendo que nesse período o trabalho era somente fabril e não era necessária uma formação educacional e profissional para o exercício da profissão, enquanto que a educação era voltada apenas aos burgueses da

sociedade e o restante, classe trabalhadora, trabalhava em ambientes sub-humanos sem as mínimas condições. Não havia leis que mostrassem seus direitos, os mesmos apenas trabalhavam para o seu sustento e para o monopólio do capitalismo.

Já na década de 70, com o advento das tecnologias, inúmeras consequências surgiram, tais como: o desemprego, a subproletarização de trabalhadores – presente nas formas de trabalho precário, parcial, temporário, subcontratado, ‘terceirizado’, vinculados à ‘economia informal’, entre tantas modalidades existentes (ANTUNES, 2008, p. 49) – e a desregularização das condições de trabalho perante as normas legais, entre outras situações como o descaso pela profissão docente, as quais levaram uma vasta individualização salarial.

Nesse advento tecnológico e também educacional por meio das Universidades Brasileiras, houve modificações profundas na natureza das instituições e do trabalho dos professores, mais especificamente. Onde a demanda de trabalho intensificou o que pressupõe um crescimento real da economia de nosso país.

O trabalho imaterial torna-se gradativamente mais produtivo, o que significa que ciência, tecnologia e inovação tornam-se cada vez mais imprescindíveis, e que a Universidade, naquele período, e até em nossa atualidade, não estava voltada para o pensamento crítico, para a reflexão societal, mas sim para o provimento do capital, pelo qual a produção é o que interessa, ou seja, o conhecimento vira mercadoria a custo alto, e que se não investido rigorosamente – Universidades – podem chegar ao ponto de serem eliminadas pelos burgueses.

Em síntese, o trabalho docente é afetado em cheio por essas mudanças, que forçam o ritmo da produção, incrementam as tarefas a serem realizadas, instituem horários atípicos, com a aceleração no desempenho das atividades e o aprofundamento de uma dinâmica “produtivista consumista”, comportando práticas como a leitura apressada do último lançamento, o aligeiramento dos cursos, a formação de mais alunos em menos tempo, reduzindo um tempo de convivência, um campo coletivo de criação — com o texto, o tema, os colegas e professores — necessário para que o “circuito de ressonâncias do pensamento possa se instaurar” (CAIAFA, 2000, p. 196).

E para que as Universidades públicas não cheguem ao seu fim e não sejam substituídas pelas privadas, urge, sem dúvida, um meio alternativo de obter o conhecimento sem que haja uma mercantilização do mesmo para o mundo do trabalho. A maioria dos indivíduos como um todo, não sabem ou fingem não saber que as suas tomadas de decisões estão em consonância com a transformação social, não veem que o seu conhecimento pode e transforma a vida de milhares de pessoas.

Harvey (1992, p.144) analisa que a atual tendência dos mercados de trabalho é reduzir o número de trabalhadores ‘centrais’ e empregar cada vez mais uma força de trabalho que entra facilmente e é demitida sem custos. Neste cenário, iniciou uma diminuição da classe operária industrial tradicional, e uma efetivação do trabalho assalariado voltado ao provimento de cargos altamente tecnológicos, ou seja, o trabalhador de hoje, no caso o profissional da educação, deve estar altamente qualificado, preparado para o mundo do trabalho, pois como sabemos se formos esperar pelo Estado no sentido de formação de professores nas escolas públicas, muito tempo irá se perder, pois a sólida formação foi recebida na Universidade.

A flexibilização do padrão de educação fortaleceu-se, obviamente, com a construção do consenso sobre a ineficiência e ineficácia dos serviços públicos em geral e, no caso específico da universidade pública, ganha força o argumento da necessidade de diversificação das fontes de financiamento, via setor privado, e o fortalecimento da expansão do ensino superior privado, por meio da liberalização dos serviços educacionais (MANCEBO, 2006, p. 06).

Nessa linha de raciocínio, surge a problemática pelo qual este trabalho vem sendo construído, será que a Universidade pela qual este egresso passou, a qual deveria promover uma sólida formação teórica e prática para o egresso em sua atuação no ambiente profissional e social está sendo efetivada no mundo do trabalho que este profissional atuará ou atua? Será que está desenvolvendo o que realmente aprendeu? E caso não corresponda à demanda pela qual foi designado, conseqüentemente, entrará no ramo dos trabalhadores subprotelarizados, exercendo com isto atividades que não foi formado, atuando em áreas diferentes da Educação?. Mancebo (2009, p. 15) relata sobre como o capital se apresenta diante do trabalhador: Nesta nova forma de acumulação, condensam-se as formas pretéritas e atuais de exploração do trabalho, [...] manter sua produtividade e diminuir seu custo (o trabalho vivo).

Dessa forma, com a subprotelarização de trabalhadores nos países do capitalismo, houve progressivamente uma enorme expansão de trabalhadores temporários, subcontratados, etc. E com essa tendência do capitalismo, deu-se um contingente expressivo de mulheres nos espaços que eram ocupados apenas pelo sexo masculino; e que em nossa atualidade a mulher vem marcando presença em variáveis ambientes de trabalho como: indústrias, direção de instituições privadas e públicas, motoristas de automóveis, entre outros.

A mulher do século XXI volta-se para a sua qualificação tanto profissional quanto acadêmica, ela está em busca de se autoariscar, de se valorizar enquanto ser humano repleto de direitos e oportunidades, mostrando com essa realidade, uma metamorfose da classe trabalhadora, a qual contratava apenas o sexo masculino devido sua força física, enquanto a

mulher era considerada como “sexo frágil”, que deveria apenas reproduzir, educar seus filhos e ser explorada em trabalhos domésticos.

Essa mudança na estrutura produtiva e no mercado de trabalho possibilitou também a incorporação e o aumento da exploração da força de trabalho das mulheres em ocupações de tempo parcial, em trabalhos “domésticos” subordinados ao capital (veja-se o exemplo da Benetton), de tal modo que, na Itália, aproximadamente um milhão de postos de trabalho, criados nos anos 80, majoritariamente no setor de serviços, mas com repercussões também nas fábricas, foram ocupados por mulheres (STUPPINI, 1991, p. 50).

Dando seguimento a essa linha de pensamento, onde a presença feminina no mundo do trabalho avançou, não podemos esquecer que a classe que vive do trabalho é tanto masculina quanto feminina, dando início ao processo de exploração do trabalhador, com jornadas de trabalho sub-humanas, salários em desacordo com o seu serviço e, conseqüentemente, mais de 50% da ocupação no setor terciário na ‘sociedade de serviços’ aumentou, atingindo o mundo em escala global; e outra consequência que não deve ser esquecida no interior da classe trabalhadora na perspectiva de Antunes (2008, p.54-55) é: à redução quantitativa do operariado industrial tradicional dá-se uma alteração qualitativa na forma de ser do trabalho, que de um lado impulsiona para uma maior qualificação do trabalho e, de outro, para uma maior desqualificação.

Desse modo, uma crítica do capital, enquanto relação social, deve necessariamente apreender a dimensão de exploração presente nas relações capital/trabalho e também aquelas opressivas presentes na relação homem/mulher, de modo que a luta pela constituição do gênero-para-si-mesmo possibilite também a emancipação do gênero mulher (ANTUNES, 2008, p.51).

Um exemplo interessante a ser citado é o campo profissional da educação, que é ocupado por cerca de 50% de mulheres com salários inferiores, contemplando sua jornada de trabalho, educação e saúde afetada pelas condições físicas e motivacionais oriundas de diversas problemáticas, pois:

Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional, da constatação de que ensinar às vezes não é o mais importante (NORONHA, 2001). Essa situação é ainda mais reforçada pelas estratégias de gestão já mencionadas, que apelam ao comunitarismo e voluntariado, na promoção de uma educação para todos. Nesse contexto é que se identifica um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores. As reformas em curso tendem a retirar deles a autonomia, entendida como condição de participar da concepção e organização de seu trabalho. (OLIVEIRA, 2004, p. 1133).

Percebe-se, claramente, que o processo de contribuição na aprendizagem dos educandos fica a mercê, resumindo-se em algo que não possuirá um rigor, uma riqueza produtiva e crítica, pois sua produção não será algo vivo, e sim substituído por algo morto, sem prazer e que levará o educador a uma não realização de suas atividades com a perspectiva desejada. Essa perda não é necessariamente na área educacional, é em tantas outras que o trabalhador não se dedica exclusivamente ao que lhe foi incumbido, porém é chamado a outras funções em desacordo com sua formação; não é o caso do profissional não contribuir com a instituição em que atua, mas que haja uma separação de atividades.

Por fim, há ainda uma outra consequência muito importante, no interior da classe trabalhadora, que tem uma dupla direção: paralelamente à redução *quantitativa* do operariado industrial tradicional dá-se uma alteração *qualitativa* na *forma de ser* do trabalho, que de um lado impulsiona para uma maior qualificação do trabalho e, de outro, para uma maior *desqualificação*. (ANTUNES, 2008, p. 52-53).

Dessa forma, será que o perfil desse profissional não ficou abatido com tantas insatisfações no ambiente de trabalho que, durante a sua formação, era o seu maior objetivo estar ali, e quando se depara a realidade é totalmente diferente do que esperava; não consegue colocar na prática, através do ensinar, o que levou tantos anos para aprender, e que por diversos motivos citados anteriormente, é que, posteriormente, observamos em nossa própria realidade esta problemática.

O capital mesmo é a contradição em processo, [...]. Diminui, pois, o tempo de trabalho na forma de tempo de trabalho necessário, para aumentá-la na forma de trabalho excedente; põe, portanto em medida crescente, o trabalho excedente como condição – *question de vie et de mort* – do (trabalho) necessário. Por um lado desperta para a vida todos os poderes da ciência e da natureza, assim como da cooperação e do intercâmbio social, para fazer com que a criação da riqueza seja (relativamente) independente do tempo de trabalho empregado por ela. Por outro lado, mensura com o tempo de trabalho estas gigantescas forças sociais criadas desse modo e as reduz aos limites requeridos para que o valor já criado se conserve como valor. (MARX, 1972, p. 229).

3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA QUANTO AS SUAS DISCUSSÕES E RESULTADOS

O Território de Integração do Baixo Tocantins no Estado do Pará compreende uma área de 36.024,20 Km², composto por onze municípios na representação abaixo:

Quadro 01: Municípios da Região de Integração Tocantins e ano de criação.

Municípios		Ano de criação
01	Abaetetuba	1895
02	Acará	1932
03	Baião	1833
04	Barcarena	1943
05	Cametá	1635
06	Igarapé-Miri	1930
07	Limoeiro do Ajuru	1961
08	Mocajuba	1935
09	Moju	1856
10	Oeiras do Pará	1938
11	Tailândia	1989

FONTE: IBGE e contagem populacional 2007 com adaptações.

Sua Dimensão Social é formada por onze municípios, sendo que nenhum pode ser nomeado como de pequeno porte ou tendo uma população de menos de 20 mil habitantes. O Baixo Tocantins é a segunda região mais populosa do Estado do Pará, abaixo somente da Região Metropolitana, com cálculo de uma população total de 701.066 habitantes, segundo dados populacionais de 2008 do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), agrupando 9,43% da população do estado, sendo que é de grande relevância ressaltar que a maior parte da população da região, segundo estimativa de 2007 do IBGE, vive em áreas de várzea.

Quanto à Dimensão Econômica, a Região do Baixo Tocantins possui a 3ª População Economicamente Ativa (P.E.A.) do Estado com 207.112 integrantes (8,59% do Estado). Dos onze municípios que compõe a Região, pelo Censo 2000, Abaetetuba é o que conta com a maior P.E.A. com 45.633 pessoas (ou 22,03% de toda a Região).

Na contextura acerca do número de empregos formais criados, todos os municípios apresentaram aumento relativo. Os municípios com os maiores crescimentos: Acará, que em 2005 foram criados 457 empregos formais, passando para 2009 com 1.488 empregos; Oeiras do Pará, em 2005 era 10, passando para 283 em 2009. Entre os municípios que prestaram os menores crescimentos em termos relativos estão: Barcarena com 16,79% - registrou-se que o município foi, em valores absolutos, o que menos criou, em 2009, com 13.695 empregos; Abaetetuba com 24,22%; e Cametá com 25,13%.

Dentre os municípios que compõem a Região de Integração do Tocantins, somente os municípios de Abaetetuba, Barcarena e Tailândia participaram e/ou influenciaram diretamente a balança comercial do Estado do Pará. Das informações existentes, destacam-se para as exportações os municípios de Acará, Moju (de 2006 a 2009) e Baião (de 2006); para as importações, as informações foram disponíveis para Cametá (em 2009) e Moju (de 2007 a 2009).

A Universidade do Estado do Pará, hoje com 18 anos de história, localizada num estado de grandes dimensões geográficas e rica em diversidades regional, tem o propósito de promover atuações que proporcionem desenvolvimento das comunidades de 143 municípios do Pará (Folheto Informativo da UEPA, 2011) por meio da educação superior.

O sentido essencial da responsabilidade social da educação superior consiste em produzir e socializar conhecimentos que tenham não só o mérito científico, mas também valor social e formativo. Portanto, que sejam importantes para o desenvolvimento econômico, que tenham sentido de cidadania pública [...]. Que a universidade não dê razão ao mercado se e quando ele se impõe como razão da sociedade. Que a universidade não seja um motor de globalização da economia de mercado, mas sim da globalização da dignidade humana (DIAS SOBRINHO, 2005, p. 172-173).

Inaugurado em junho do ano 2000, o Núcleo Universitário Regional do Baixo Tocantins, Campus XIV, localizado em Moju, surgiu para diminuir as grandes necessidades encontradas nos 11 (onze) municípios da Região do Baixo Tocantins. E a partir do Ano de 2001 passou a existir o Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, modalidade presencial no horário Matutino, regime regular.

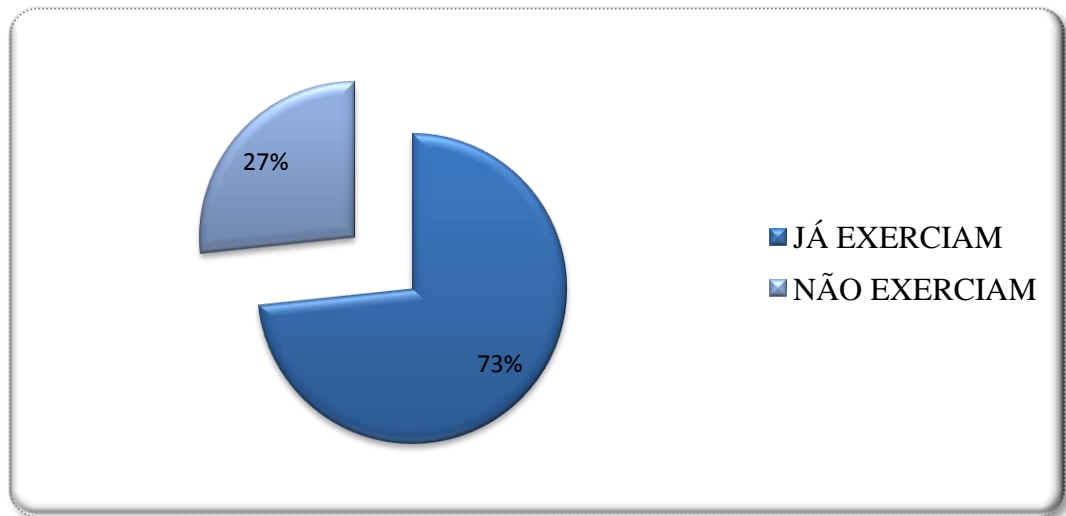
Com as entrevistas realizadas por meio de questionários com 30 (trinta) egressos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia do Núcleo Universitário Regional do Baixo Tocantins, ano 2003, de Moju – Pará é possível, nesta tessitura, analisar e discutir os resultados coletados no transcorrer da pesquisa.

As análises desta investigação contaram com a utilização de recursos gráficos que possibilitaram uma melhor visualização dos resultados. Apresentamos a seguir, por meio dos

gráficos, as perguntas direcionadas aos pesquisados em consonância com o referencial teórico adotado.

É importante considerar que, inicialmente, um percentual significativo dos egressos já possuía alguma atividade econômica antes mesmo do ingresso na graduação. Apenas uma pequena parcela não exercia a referida atividade, tal como evidenciado no gráfico abaixo.

GRÁFICO 01: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por atividade econômica.



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

De acordo com nossa entrevista detectamos que durante os 4 (quatro) anos de formação dos 30 (trinta) egressos que entrevistamos, 73% já exerciam alguma atividade remunerada, tais como: escrevente, atendente de caixa de supermercado, vendedor autônomo, secretária; e antes mesmo de sua entrada na Universidade muitos já trabalhavam na área da docência, e a graduação, antes mesmo de formados, veio subsidiá-los em sala de aula, enquanto que 27% não exerciam nenhum tipo de atividade remunerada e nem voluntária, dedicavam-se exclusivamente para os estudos.

Entendemos que a atuação efetivamente capaz de possibilitar o salto para além do capital, como o trabalho voluntário e as atividades não remuneradas, incorpore as reivindicações presentes no cotidiano do mundo do trabalho dos egressos, como a inserção de atividades, os quais não foram formados, mas grande parte na área da Pedagogia. Este seria o ponto de partida para uma organização societária que caminhe para a realização de onde esse trabalho se insere e para a esfera em que o trabalho deixa de ser imposto, condição esta para

um projeto fundamentado na associação livre dos indivíduos, no caso, os egressos de pedagogia, gerando o momento de identidade entre o indivíduo e o gênero humano.

No que diz respeito à análise de vínculo empregatício atual do egresso do Curso de Pedagogia, nota-se que, um pequeno percentual dos egressos, 6%, trabalham como funcionário público estatutário ou militar; 5%, como empregado com carteira e a maioria, 89% trabalha como prestador de serviço temporário. Este último percentual nos chama atenção no sentido de que apesar de possuírem um título superior de graduação, ainda permanecem no mercado informal, ou seja, será que a Universidade lhe propiciou formação sólida para o mundo do trabalho?

E como foco de nossa pesquisa sobre a situação profissional do Pedagogo de 2003, verificamos que as próprias mudanças sociais implicam definitivamente sobre o novo formato de ser do trabalho, este apresenta-se no contexto da mundialização do capital e da reestruturação produtiva, o que demanda ampliar a ideia que temos sobre o mesmo. Antunes e Alves (2004, p. 342) vêm debater sobre a temática:

Desse modo, para se compreender a nova forma de ser do trabalho, a classe trabalhadora hoje, é preciso partir de uma concepção ampliada de trabalho. Verificar o original. Ela compreende a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho, não se restringindo aos trabalhadores manuais diretos, incorporando também a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalho coletivo que vende sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário. [...]. A classe trabalhadora, hoje, também incorpora o proletariado rural, que vende a sua força de trabalho para o capital, de que são exemplos os assalariados das regiões agroindustriais, e incorpora também o proletariado precarizado, o proletariado moderno, fabril e de serviços, *part-time*, que se caracteriza pelo vínculo de trabalho temporário, pelo trabalho precarizado, em expansão na totalidade do mundo produtivo. Inclui, ainda, em nosso entendimento, a totalidade dos trabalhadores desempregados.

Um retrato da sociedade contemporânea capitalista na qual as oportunidades de emprego, na área da educação ou em outras esferas, como na área pública pesquisada, vem se reduzindo. Pelo simples fato de o sistema Capitalista propiciar a substituição de mão de obra humana por máquinas prejudicando, dessa forma, a classe trabalhadora, a classe que vive do trabalho.

Assim, no ramo educacional, presenciamos o aperfeiçoamento de uma formação que, por um lado, enfraquece subjetivamente os que poderiam aspirar à transformação e, por outro, fortalece o sentimento de impotência, resignação e desesperança frente ao sistema representado pelo modo de produção vigente. Que nas palavras de Freire (1997), é preciso educar para a esperança, no sentido de que não há como começar um debate sobre a situação

profissional deste egresso, sem um mínimo de esperança de que não vivamos para o trabalho, mas sim do trabalho.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. Mas prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo como se a luta pudesse reduzir a atos calculados apenas, à pura cientificidade, é frívola ilusão prescindir da esperança que se funda também na verdade como na qualidade ética da luta é negar a ela um de seus suportes fundamentais (FREIRE, 1997, s/p).

E dando seguimento nessa perspectiva, sobre a função que o egresso de Pedagogia do Ano de 2003 da UEPA de Moju desempenha, apenas 80% exercem a docência, 3% trabalham como escrevente de cartório, 3% secretária de escola técnica, 3% responsável de escola, 3% como coordenadora do programa Projovem de Moju, 8% como coordenadores pedagógicos e 8% como diretor de escola.

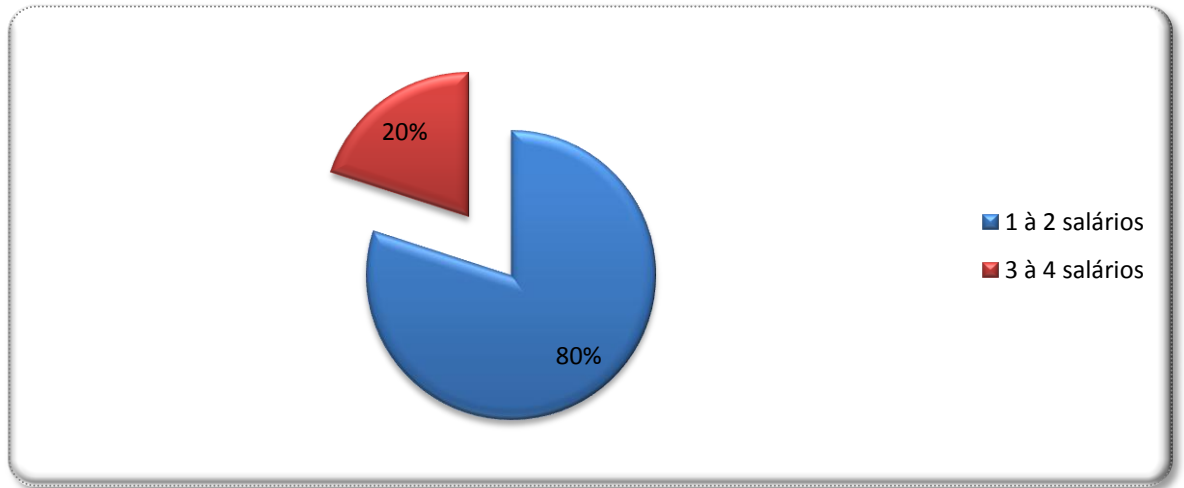
Nota-se com isso que, um número significativo de egressos está atuando na área de sua formação, ou seja, a docência, e que uma pequena parcela exerce outras funções de atuação que não o profissional da educação, como complementa esta chamada:

O Pedagogo se insere neste novo contexto social, percebendo sua relação em diferentes espaços... Verifica-se hoje, uma ação pedagógica múltipla na sociedade. O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo esferas mais amplas da educação informal e não-formal (LIBÂNEO, 2002, p.28).

Nesse contexto de função exercida pelo egresso de pedagogia, o autor debate que hoje em dia o campo de atuação do pedagogo não está restrito apenas à sala de aula, existindo um leque muito amplo onde ele pode está atuando, seja em ambiente escolar seja em ambientes nãoescolares, desde que possuam conhecimentos pedagógicos e especialização voltada à área desejada.

No que se restringe a renda mensal bruta dos egressos do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, considerando o salário de R\$ 545,00 (quinhentos e quarenta e cinco reais) variam de 1 (um) a 4 (quatro) salários mínimos, sendo que 80% recebem de 1 (um) a 2 (dois) salários e 20% de 3 (três) a 4 (quatro) salários mínimos. Tal como demonstra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 02: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por renda mensal bruta.



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

Perante essa realidade, percebemos que esses profissionais estão sendo cada vez mais desvalorizados, pois não recebem o que realmente merecem. Dadas às condições sociais que produzem esse processo, acaba refletindo na saúde dos trabalhadores docentes, o qual provoca o adoecimento físico (como problemas com a voz) e o adoecimento psíquico (como o estresse e mesmo a síndrome de burnout). Diante de toda essa conjuntura deve-se acompanhar esse processo de exigências relativas à qualificação docente, à qualidade de ensino, à contínua atualização de conhecimento, sem que lhes sejam dadas condições para isso.

No entender de Esteve (1999) os profissionais da educação tiveram que se habituar às características evolutivas dos processos de trabalho, ainda que, na maioria das vezes, não se tenha observado necessariamente uma melhoria das condições desse tipo de exercício profissional.

Vale lembrar que qualquer tipo de profissional passa pelo professor, e com isso, deveria ser mais gratificado com melhores condições salariais, estrutura de trabalho e, conseqüentemente, de saúde.

A sociedade atribui hoje, que o Curso de Pedagogia é menos procurado, e quem presta vestibular para esse curso alega que o mesmo é o menos concorrido, e fazem o curso apenas para ingressarem na Universidade não necessariamente por que gostam da área; que é o mais desvalorizado, pois, o graduando passa 4 (quatro) anos na Universidade adquirindo conhecimentos, enfrentando problemas, e ao se formar encontra grandes dificuldades em

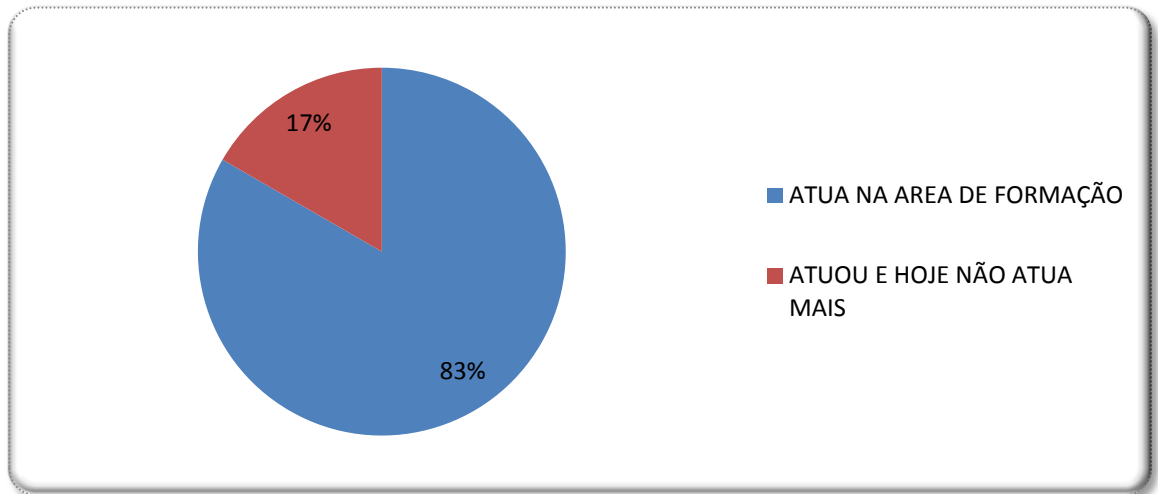
adentrar ao mundo do trabalho, pelo fato de existir muitos Pedagogos formados e o mercado de trabalho ser muito escasso para esses profissionais.

Vale ressaltar, que quem exerce a função de professor deve exercê-la por amor ao que faz e pela sua vocação, trabalhando não somente pela gratificação no fim do mês, conforme diz Rubem Alves (2003):

A vocação nasce com a gente, misteriosamente. Ela é o nosso caso de amor com algo que se faz. Há diferença entre quem trabalha por profissão e quem trabalha por vocação: o primeiro trabalha pelo ganho; o segundo seria capaz de pagar para poder fazer seu trabalho. Trabalha como quem faz amor, como quem brinca.

Em relação ao exercício profissional na área da educação dos egressos do Curso de Pedagogia de Moju/Pará, ano 2003, 83% dos entrevistados atuam na área de formação, enquanto 17% já atuaram e hoje atuam em áreas distintas. Conforme mostra o gráfico a seguir:

GRÁFICO 03: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por exercício profissional.



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

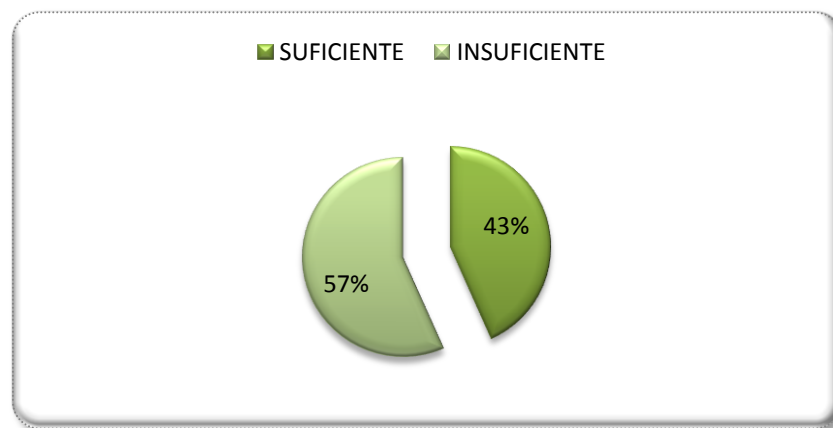
Com isso, a porcentagem detectada de quem não atua hoje na Licenciatura é bem pequena, e nos próprios questionários percebemos a não afinidade pelo curso, a preferência de 70% a outros cursos, enquanto 30% fizeram o curso por afinidade. Por esse motivo decidiram adotar outra direção de profissão, pois o educador deve ter alguma finalidade para estar atuando na área educacional, não só apenas trabalhar por trabalhar, mas sim, sentir-se satisfeito com o que faz, pela profissão escolhida. Libâneo (1994, p. 24) ressalta:

As finalidades educativas subordinam-se, pois, às escolhas feitas frente a interesses de classes determinadas pela forma de organização das relações sociais. Por isso, a prática educativa requer uma direção de sentido para a formação humana dos indivíduos e processos que assegurem a atividade prática que lhe corresponde. (LIBÂNEO, 1994, p. 24).

É necessário o compromisso pelo que se faz, em seus diversos ambientes de atuação. Pois o saber pedagógico está inserido na família, escola, meios de comunicação, movimentos sociais, que segundo o mesmo autor, perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito da sala de aula, abrangendo os ambientes mais amplos da educação formal e não formal.

Em relação aos conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de Curso, se foram suficientes para a formação dos egressos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, notamos que uma grande porcentagem dos entrevistados respondeu acerca que os conhecimentos foram insuficientes, de acordo com o gráfico abaixo.

GRÁFICO 04: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por conhecimentos na Universidade.



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

Durante nossa pesquisa, detectamos que os conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de curso, foram suficientes apenas para 43% dos entrevistados, pois, segundo o relato do Depoente N° 01: houve, pois, pelo fato de possibilitar contato com conhecimentos da área pedagógica essencial para minha formação.

Com isso, Duarte (1992, p. 47) menciona o processo de formação do indivíduo:

O processo de formação do indivíduo é, em sua essência, um processo educativo, no sentido lato do termo. O indivíduo se forma, apropriando-se dos resultados da história social e objetivando-se no interior dessa história, ou seja, sua formação se realiza através da relação entre objetivação e apropriação. Essa relação se efetiva sempre no interior de relações concretas com outros indivíduos, que atuam como mediadores entre ele e o mundo humano, mundo da atividade humana objetivada. A formação do indivíduo é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação se realiza de forma espontânea, isto é, quando não há uma relação consciente (tanto de parte de quem se educa, quanto de parte de quem age como mediador) com o processo educativo que está se efetivando no interior de uma determinada prática social.

Em contra partida, 57% responderam que os conhecimentos adquiridos foram escassos, de acordo com o relato:

não, pois, a universidade não prepara realmente o profissional para exercer suas funções, já que suas aulas práticas são precárias e ineficazes, é preciso uma valorização dessas aulas práticas, para assim o aluno ao sair não ficar prejudicado, já que a prática é diferente da teoria (Deponente N° 02).

Nessa contextura, a responsabilidade social da universidade brasileira nos remete às ideias não tão recentes as quais devem fazer parte da reflexão coletiva de acadêmicos que buscam, na universidade pública, o resgate à pesquisa e à formação ética que elevem e ampliem o patamar científico-cultural da sociedade brasileira. No entanto, Buarque (1991, p.13), sintetiza a seguir:

A universidade tem um único papel social: **gerar saber**. Para cumprir seu papel social, a universidade tem se adiantar. Realizar uma reforma na sua estrutura, no seu conteúdo e na sua prática de ensino. Mas sem perder de seu compromisso específico de servir ao social, mediante o saber que gera [...] O primeiro compromisso social da universidade é com a qualidade, com o saber inédito, o saber novo, que vai além da fronteira do saber tradicional [...] As artes, as ciências-puras, a Filosofia, têm nas universidades um compromisso com as artes, as ciências-puras, as filosofias. Não necessitam de outro compromisso, mas não podem transigir com a mediocridade, a repetição. A qualidade é suficiente para dar a essas áreas o compromisso social de que necessitam [...] No que se refere ao saber tecnológico, a qualidade não pode estar excluída. Ela faz parte do compromisso social. Mas não basta. O saber tecnológico tem que estar comprometido com os resultados a que a transformação se propõe [...] a tecnologia desenvolvida na universidade não pode ser neutra. Ela tem que ser instrumento de avanço na realização deste destino [...]. É uma pena que a universidade brasileira ainda esteja patinando na definição de seu compromisso social. Já é hora de avançar. Aceitar a necessidade do compromisso social. Entender que este se dá pela qualidade do trabalho acadêmico, pela liberdade deste trabalho olhando o futuro, pelo compromisso com a humanidade inteira, nas áreas das Ciências, da Filosofia, das Artes; e pelo compromisso específico com o país e suas massas, no que se refere ao trabalho das áreas tecnológicas, cuja função é transformar o mundo, construir uma sociedade digna, soberana, sem apartação e caminhando para a igualdade com justiça e democracia [...] E tomar as ações necessárias para avançar na prática deste compromisso social.

No que se restringe se houve ou não percepção por parte dos egressos durante ou após a academia do que seria o papel do pedagogo, notou-se que 67% dos entrevistados disseram que houve percepção. Nesse momento é relevante mencionar a importância da Instituição Universitária em fomentar o ensino e fazer com que este realize mudanças no sujeito e na própria sociedade onde atuará. Enquanto somente 33% responderam em parte, de acordo com o relato da Depoente N° 02: em parte, pois, a maioria dos professores se preocupavam em dar sua disciplina e ganhar seu dinheiro, ao invés de esclarecer a real função do pedagogo.

Libâneo (1996) enfatiza que, muitos intelectuais ligados a algumas disciplinas especializadas insistem em negar a real identidade da pedagogia. É comum a pergunta surgir: para que serve a pedagogia? Ou seja, simplesmente, qual o papel do pedagogo em nossa sociedade?

Dessa forma, sentimos a falta de “massa crítica” como salienta o autor no segmento de profissão, a própria desvalorização social e econômica do trabalhador da educação levando à deteriorização do exercício profissional.

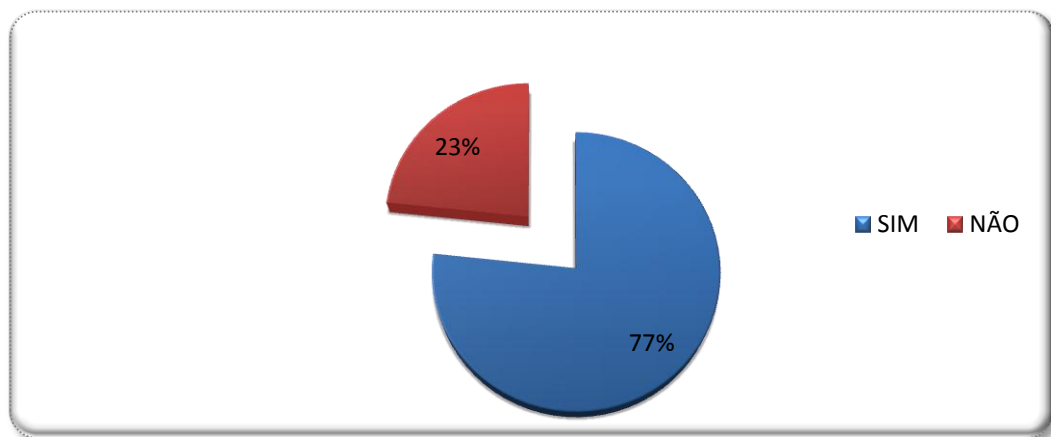
As armas dessa nova Universidade são, portanto, a autonomia e a participação. São as armas que poderão transformá-la de cúmplice da ordem classista num lugar habitável por todos e para todos. Resta, portanto, uma esperança para a universidade que vem essencialmente da luta de seus trabalhadores, professores e alunos. Para que a universidade que sonhamos seja possível será necessário [...] não esperar a mudança, mas caminhar em direção dela. [...] esse espírito de debate e de crítica que anima uma universidade aberta e livre é condição para transformá-la de um “cemitério de vivos” como é atualmente numa das forças renovadoras da sociedade (GADOTTI, 2001, p. 122).

É de extrema necessidade manter vivos a crítica e, constantemente, o debate, para se construir a transformação da universidade dependente de todos. E essa metamorfose está ligada também à formação desse egresso, onde o mesmo deve sair da universidade não somente com um conceito, mas com um sentido próprio do significado de ser pedagogo. Libâneo em seu livro *Pedagogia e pedagogos, para quê?* discute que o caráter pedagógico deve estar ao par de sua característica de cuidar dos objetivos e formas metodológicas e organizativas de propiciar o conhecimento e os seus modos de ação em função da construção humana.

Assim, dos referidos pesquisados, 67% compreenderam o verdadeiro papel do pedagogo, e que para nós pesquisadoras é de extrema relevância esta apreensão, pois como sabemos o pedagogo hoje em dia parece se “esconder” de sua profissão ou, às vezes, justifica cotidianamente seu trabalho. Diferentemente dessa pesquisa, notou-se o significado do verdadeiro papel do pedagogo na atualidade.

No que diz respeito se os egressos do Curso de Pedagogia da UEPA de Moju, ano 2003, conseguiram ingressar em alguma instituição privada e/ou pública após o término de sua graduação, seja para trabalhar, seja para estudar ou qualquer outro tipo de vínculo, o gráfico a seguir mostra que grande parte adentrou em alguma instituição de ensino.

GRÁFICO 05: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por ingresso em instituição pública e/ou privada.



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

De acordo com o gráfico, das 30 (trinta) pessoas que entrevistamos 77% conseguiram entrar em alguma instituição pública ou privada, e 23% não adentraram. Neste aspecto, é relevante considerar que, a maioria dos pesquisados, após sua conclusão na graduação, obtiveram oportunidades tanto no meio acadêmico quanto no profissional, ou seja, apesar das dificuldades encontradas no decorrer do Curso não se estagnaram, deram prosseguimento a sua formação, mesmo que no mundo do trabalho sua atuação fosse em áreas distintas à Educação.

No entanto, para ressaltar um mercado de trabalho amplo para os egressos da Pedagogia, a educação repassada na Universidade é imprescindível nessa etapa, pois:

Educar é o contrário disso; é edificação assentada nos pilares da originalidade, da cooperação e erguida com o cimento da solidariedade. O conhecimento que não é compartilhado é vazio. E perigoso. O neoliberalismo também ameaça a educação ao submetê-la à noção de que só a empresa, o lucro movimenta a sociedade. Com isso a privatização é solução, o particular toma lugar do público, o interesse de poucos substitui o interesse coletivo. A escola passa a ser um negócio e o ensino público, agonizante vai fazendo “parcerias” crescentes que o subordinam às necessidades dos donos das indústrias e do capital (ALENCAR, 2007, p. 103).

Partindo desse princípio, cabe à educação, sob a ótica indicada pelos neoliberais, enfraquecer progressivamente a subjetividade dos que vivem do trabalho, acabando por favorecer a desesperança, o desespero e a fatalidade de seus destinos, haja vista na produção e reprodução de uma universidade com pensamento único, completamente ajustado aos ditames estabelecidos e enfraquecidos de energias utópicas emancipatórias.

No que tange a prestação de concurso público pelos egressos, apenas 67% prestaram concurso público enquanto 33% não prestaram. Perante essa realidade, não podemos identificar realmente qual foi a real dificuldade e facilidade encontrada para a realização e a não realização do concurso público. Contudo, idealizamos que os quais prestaram concursos públicos estavam preparados e os quais não prestaram não se encontravam preparados, ou por medo de concorrer, pois as vagas poderiam ser escassas, ou porque a própria Universidade não preparou esse egresso.

De acordo com Rosa (2002) o processo de desempenho das funções públicas se dava por meio de delegação, os cargos eram sobre modalidade de confiança. E em 1934, com a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, foi implantado o concurso público que surgiu no direito brasileiro:

O concurso público é aplicável a situações específicas para as quais houvesse exigência legal e para os cargos organizados em carreira, sendo exigível, em relação a estes, tão somente para o provimento no cargo inicial da carreira, visto que para os demais cargos componentes da carreira o provimento dava-se por meio de sucessivas promoções (ROSA, 2002, s/p).

A respeito da esfera de atuação do Licenciado em Pedagogia ano 2003, nota-se que de acordo com nossa pesquisa, 27% atuam ou já atuaram em esfera pública federal, 60% já atuaram ou atuam em esfera pública municipal e somente 13% já atuaram ou atuam em esfera privada com fins lucrativos. Nesse contexto, há a percepção profissional do egresso de Pedagogia ano 2003, onde um número significativo de sujeitos atua na esfera pública municipal, ou seja, pelas respostas dos questionários acerca dessa abordagem detectamos que apesar dessa atuação, a maioria realizou concurso público, mas por algum motivo boa parte não foi aprovada, atuando na esfera pública municipal em caráter de contrato.

No que diz respeito à situação empregatícia em que os egressos do Curso de Pedagogia ano 2003 UEPA/Moju possuem, 73% possuem apenas um emprego, enquanto 27% possuem dois empregos. Partindo desse princípio, nota-se que uma grande porcentagem dos entrevistados possui um emprego, e uma pequena, dois, com isso pode-se perceber que quem possui dois pode não estar satisfeito com o que ganha, e isso faz com que este egresso venha a

trabalhar em mais de um lugar, pois, de acordo com Wander e Boulos (1986) A pauperização do salário do professor faz com que ele tenha de lecionar, em várias escolas, matérias para as quais muitas vezes não está preparado. Esta dinâmica desgastante produz um estresse físico e intelectual.

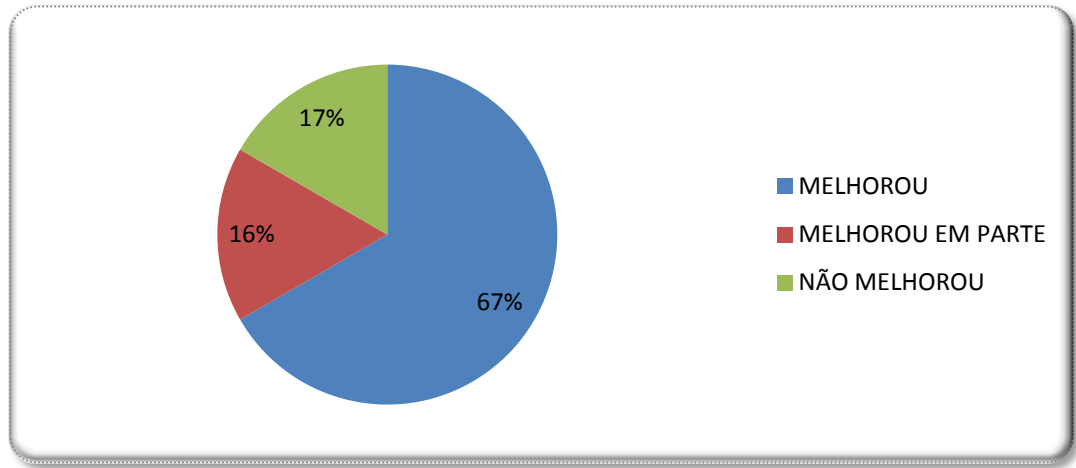
No entanto, Cruz e Lemos (2005) mencionam que são vários os agravos à saúde do trabalhador: distúrbios osteomusculares relacionados ao trabalho, síndromes neuróticas específicas, estresse crônico, depressão e outros.

E enquanto à atividade profissional dos mesmos, 73% se sente satisfeito, enquanto 27% se sentem insatisfeito, pois segundo relato da Depoente 2: insatisfeito, pelo baixo salário, desvalorização profissional, falta de estrutura escolar em relação a materiais pedagógicos, tanto para o professor como para o aluno, e falta de formação educacional para os profissionais que são fundamentais.

Em contrapartida, notou-se uma contradição nessa indagação, pelo fato de que na pergunta relacionada sobre se o Curso de Pedagogia era o curso desejado, grande parte respondeu negativamente, no entanto, hoje no mundo do trabalho há a satisfação de contribuição que a graduação propiciou, e é indispensável ressaltar, nesse momento, que todos os egressos pesquisados estão exercendo alguma atividade remunerada, o que é muito satisfatório.

Restringindo-se ao perfil sócio cultural quanto à qualidade de vida dos egressos do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 do NURBAT- Moju/ PA, após a sua formação na graduação e seu acesso a variados tipos de lazer, melhorou para 67%, e essa qualidade de vida (QV) está relacionada ao padrão estabelecido pela própria sociedade capitalista e ao conjunto das políticas públicas e sociais que norteiam o desenvolvimento humano, as mudanças positivas na maneira, nas condições e no estilo de vida (MINAYO, HARTZ, BUSS, 2000).

GRÁFICO 06: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por Qualidade de Vida (QV).



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

As respostas dos egressos encontram explicação no citado por Nahas, Barros, Francalacci (2000), onde mesmo que não haja uma aceção totalmente aceita para QV, existe uma tendência a se incluir com frequência duas classes de fatores determinantes às condições em que o ser humano vive: parâmetros sócioambientais (como as condições de trabalho, educação, meio-ambiente, transporte, lazer, entre outros) e parâmetros individuais, caracterizados pelos comportamentos de cada pessoa.

Percebemos nessa contextura, as condições primordiais para a realização pessoal e sócioambiental responsáveis por uma qualidade de vida favorável ao meio de sobrevivência deste profissional. Vale ressaltar, que o amplo espaço de trabalho ofertado à Pedagogia, e que os pesquisados atuam hoje, possibilita novos rumos a serem seguidos, e que não seria somente a sala de aula o único meio que lhe traga prazer/satisfação ou até mesmo para adquirir uma QV em concordância com a sua formação, mas sua inserção no mundo do trabalho está ligada a diversos ambientes da atualidade e que necessitam serem ocupados por estes profissionais da educação.

No que diz respeito ao principal meio de comunicação utilizado pelos pesquisados para se manterem informados, houve uma igualdade entre as respostas, predominando o acesso a Jornais 26%, Televisão 37%, Internet 37% como principais meios de comunicação. É bastante preocupante devido a pouca preferência por livros e, que, por já terem passado por uma Universidade, os mesmos sabem o quão é imprescindível a sua utilização, não somente

para que se construa o famoso “hábito da leitura”, mas para que haja a libertação, a transformação societal que tanto buscamos e discutimos em nossos espaços escolares.

Notou-se também, o aumento demasiado no acesso às novas tecnologias bem como a internet, onde a mesma, sendo utilizada de maneira apropriada, é um amplo espaço de subsídios para a pesquisa, investigação e informação destes egressos, e a televisão sendo o meio de comunicação mais presente em nossa sociedade, mas que ao mesmo tempo não propicia aos sujeitos, como um todo, uma relação dialógica em torno do que almejam conhecer, não permitindo a transformação do mundo no contexto da ação cultural libertadora, como diz Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1997, p. 157-158):

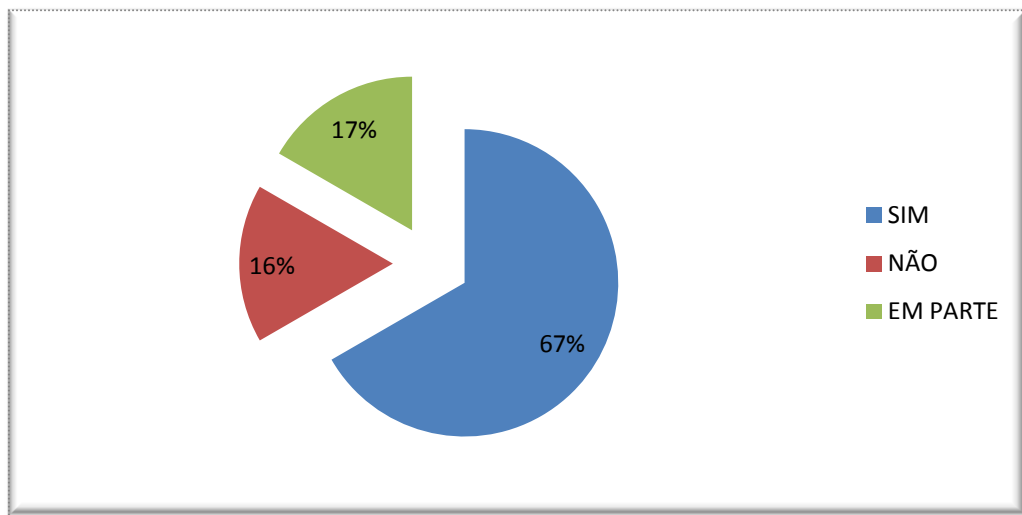
Pensar em televisão ou na mídia em geral nos põe o problema da comunicação [de massa], processo impossível de ser neutro. Na verdade, toda comunicação [de massa] é comunicação de algo, feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal contra algo e contra alguém, nem sempre claramente referido. Daí também o papel apurado que joga a ideologia na comunicação [de massa], ocultando verdades, mas também a própria ideologização do processo comunicativo. Seria uma santa ingenuidade esperar de uma emissora de televisão do grupo do poder dominante que, noticiando uma greve de metalúrgicos, dissesse que seu comentário se funda nos interesses patronais. Pelo contrário, seu discurso se esforça para convencer que sua análise da greve leva em consideração os interesses da nação. Não podemos nos pôr diante de um aparelho de televisão “entregues” ou “disponíveis” ao que vier. [...] A postura crítica e desperta nos momentos necessários não pode faltar. [...] Para enfrentar o ardid ideológico de que se acha envolvida a mensagem [do poder dominante] na mídia [...] nossa mente ou nossa curiosidade teria que funcionar epistemologicamente todo o tempo. E isso não é fácil.

De acordo com as respostas dos pesquisados acerca do tipo de leitura mais utilizada pelos mesmos, obtivemos: Revistas diversas, Jornais diários e Livros de cultura geral, preferências estas que nos mostra o quanto os egressos do Curso de Pedagogia lêem pouco, ou seja, não decodificam um bom livro para apreensão positiva de tal, mas apenas como entretenimento. Ressalta Paulo Freire (1988, p.76) *Aprendemos, não apenas para nos adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a. E através de um bom livro, artigo ou site, podemos modificar nosso contexto social, com um pensamento inovador/libertador.*

No que diz respeito a títulos de leitura, artigos independentes, capítulos de livro decodificados pelos egressos anualmente e se a graduação influenciou nessa cultura de leitura, o resultado foi assustador, como vemos a porcentagem de 63%, onde a maioria não faz a leitura de no mínimo 1 (um) artigo, livro por ano, o que é bastante preocupante, pois se prendem ao entretenimento deixando de lado o que realmente implica em uma aprendizagem para si próprios e, conseqüentemente, para o outro sujeito.

Vale ressaltar, que na pesquisa houve sim egressos com títulos de leitura aproximando-se aos 100 (cem) por ano, no entanto é precária a relação dos pesquisados com obras científicas, e esta aprendizagem como aponta Kenski (1996) se dar com o envolvimento integral do indivíduo, isto é, [...] do seu imaginário, do intuitivo, [...] a partir de desafios, da exploração de possibilidades, do assumir de responsabilidades, do criar e do refletir juntos; isso tudo na perspectiva de que, por meio de uma boa leitura, potencializa-se a modesta contribuição que a própria educação possui para formar e emancipar os indivíduos.

GRÁFICO 07: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por título de leitura.



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

Em função deste indicador gritante de não leitores, a pesquisa constatou 67% também da influência decorrente da formação universitária em sua cultura de leitura. Neste sentido, percebemos que a graduação propiciou condições favoráveis na escolha dessas culturas, e que demanda retomar um importante ensinamento de Freire (1996): ensinar é acreditar que a mudança é possível e, por isso, que ela motiva a esperança, enquanto que a desesperança é o aborto desse ímpeto.

Dando seguimento à análise de nossa pesquisa, e se os egressos conhecem alguma língua estrangeira, percebeu-se que 60% dos pesquisados não possuem conhecimento sobre nenhuma outra língua, além da Língua Portuguesa, pois durante o Curso de graduação não obtiveram em sua grade curricular outra forma de dialeto, enquanto 20% conhecem basicamente o Espanhol e o Inglês. Vale lembrar que no novo currículo do Curso há a Língua

Brasileira de Sinais, o que é imprescindível ao educador conhecer e ter a técnica para trabalhar esta língua com todas as crianças, em específico com as crianças com necessidades educativas especiais. Nota-se, desta forma, o rigor, a seriedade como dizia Paulo Freire, que devemos ter em conhecer outra língua, não somente de dominá-la sem um significado, mas que ela possa contribuir para com o próprio educador e, conseqüentemente, para seu alunado.

No que concerne às atividades voluntárias antes, durante ou após a Universidade, 90% dos egressos da turma de pedagogia demonstra um grande interesse, não financeiro, mas de mudança social, através de levar à Universidade àqueles que a veem somente como o lugar onde apenas os intelectuais podem adentrá-la. Neste sentido, temos que continuar fazendo essa pedagogia da esperança, de mudança para o melhor da sociedade, pois não é um sonho, como exemplificou esta turma pesquisada que fez a sua história no trabalho voluntário antes, durante e depois da universidade. Assim encontramos explicação para o escrito anteriormente em Gentili (2008, p.19):

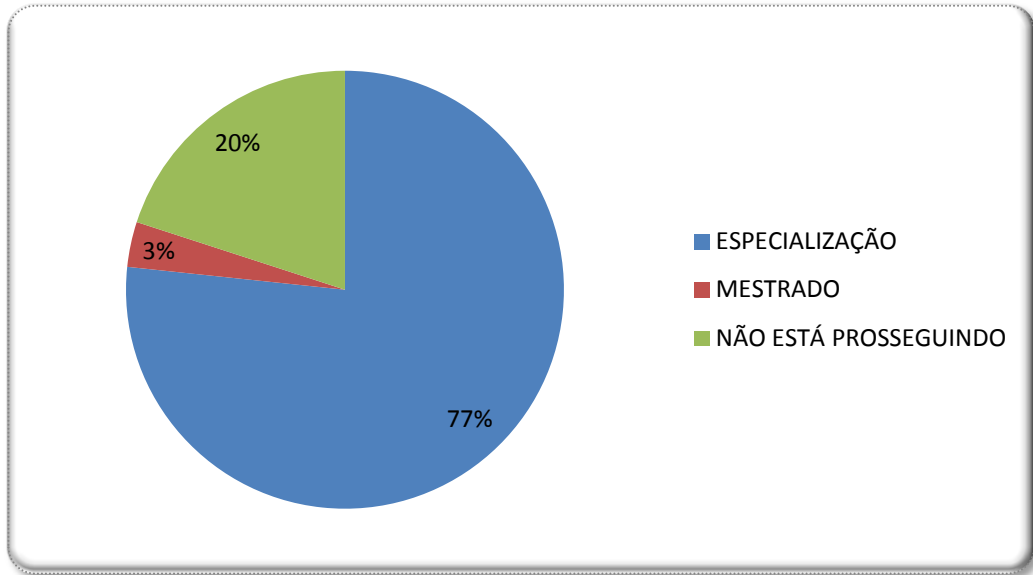
A utopia ou, o que é a mesma coisa, a pedagogia da esperança, é construída dia a dia, junto aqueles que sofrem a barbárie brutal de um sistema que nega os mais elementares direitos humanos a milhões de pessoas, meninos e meninas, jovens de mil cores, unidos pelo desprezo e a indiferença que os poderosos lhe concedem. E por sua silenciosa aspiração a ser, finalmente, os donos de sua própria história.

Na perspectiva de se a universidade levou o egresso a uma sólida formação teórica e prática necessária ao desempenho da inserção do mesmo no mundo do trabalho, bem como o prosseguimento da vida acadêmica, percebemos que entre 30 (trinta) entrevistados da turma de Pedagogia ano 2003 do NURBAT- Moju, 77% aprovam a sólida formação teórica e prática proporcionada pela Universidade, e que lhe deram suportes ao mundo do trabalho.

Entretanto, uma das entrevistadas representando 5% da pesquisa, graduada pela UEPA e UFPA, especialista em Libras e professora na rede Pública Municipal, indica uma outra opção, no caso em parte, e justifica como tal:

A preparação universitária é ainda insuficiente, pois a falta de prática prejudica e muito, é necessário que o aluno corra atrás de outros meios e formas urgentes de ganhar experiências e qualificações para enfim se tornar um profissional qualificado e diversificado. Precisei de outras bases para compreender e ampliar cada vez mais meu conhecimento e assim me tornar uma profissional com qualificações e ainda mais qualidades (DEPOENTE, N° 01).

GRÁFICO 08: Egressos Turma 2003 UEPA/Moju pesquisados por formação acadêmica.



FONTE: Pesquisa de Campo /Técnica do Questionário com alunos egressos do curso de licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da UEPA/Moju.

Finalizando parcialmente essa pesquisa com os egressos, urge a necessidade de discutirmos a situação acadêmica em que se encontram, onde percebe-se pelo Gráfico de nº 08, que 77% deram continuidade a sua formação, o que nos deixa bastante satisfeitos, pois não pararam na caminhada em busca de uma educação que não se resume somente no Ensino Superior, na Graduação, mas que possa haver uma continuidade, pois isso não servirá somente para si, Freire (1996, p. 50- 53) enfatiza que:

na verdade o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital onde há vida, há inacabamento [...] E tudo isso nos traz de novo á radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las.

É neste sentido que o trabalhador da educação o qual se encontra em uma situação de desvalorização por parte do Estado, sem implementações de políticas férteis como o piso salarial dos professores da rede pública, o tempo para estudo e trabalho, onde as condições de nossas escolas e universidades são precárias e os docentes submetidos aos exames e acúmulo de jornadas, de escola para escola, necessita ter esperança de que através da educação de qualidade haverá a boniteza de um Ensino Superior equivalente com as reais necessidades de

nossa sociedade. E através de uma formação, especialização, mestrado, doutorado, é pensar os problemas de nossa região e propor projetos para a melhoria do trabalho universitário (ensino, pesquisa e extensão) e [...] o que dá origem e força à promoção da pesquisa com vistas à produção do conhecimento é a necessidade que os homens têm de saber, de discernir, de explicar, de entender seu próprio mundo (CARDOSO, 1981, p.32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia é uma reflexão sobre as finalidades da educação e uma análise objetiva de suas condições de existência e de funcionamento. Ela está em relação direta com a prática educativa que constitui seu campo de reflexão e análise, sem, todavia, confundir-se com ela (MIALARET, 1991, p. 9).

O estudo que nos propusemos a realizar para tentar desvendar o caminho, que levaria às respostas para nossas inquietações sobre A situação profissional e acadêmica do egresso do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da Universidade do Estado do Pará de Moju. Foi de grande valia, apesar das dificuldades encontradas. Mesmo diante destas, a trajetória foi também muito prazerosa e nos permitiu avançar na direção desejada.

É importante advertir que as aproximações conclusivas neste trabalho apresentadas, de maneira alguma implicam em conclusões não sujeitas as variações pelo aprofundamento do estudo e até mesmo do enfoque. As aproximações são apenas demonstrações até onde conseguimos chegar com o estudo desenvolvido.

O Curso de Pedagogia no Brasil desde sua implantação em 1939 vem discutindo em sua história especificidades e campo de estudos, bem como a Lei 5540/68 que surgiu em um período em que as liberdades democráticas tinham sido extinguidas, representava assim uma estratégia governamental no sentido de refrear a forte demanda por um Ensino Superior de qualidade e que abrangesse a maioria (classe trabalhadora) e o direito de ser cidadão fosse essencialmente político, e que fizesse parte a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo [...] como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital (FREIRE, 1996, p. 32).

As especificidades e campo de estudo da Pedagogia foram apoiados em alicerces legais, entretanto a partir do fim da década de 1970, novas reformulações foram ganhando bases no interior do movimento de revisão dos Cursos de Pedagogia e demais licenciaturas.

Em 1978 a 1999, destacam-se a existência de documentos suscitados no processo de revisão da formação do educador, como iniciativas de docentes e estudantes universitários, instituições universitárias e organismos governamentais interessados na temática. Esse período de revisão dos cursos, com a LDB 9394/96, os nortes da Pedagogia foram associados a uma nova idéia de escola, seu novo papel, deliberando uma concepção de conhecimento escolar, profissão docente e formação de professores.

O Conselho Nacional da Educação em 2003 compôs uma Comissão Bicameral que tinha como responsabilidade deliberar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de

Pedagogia. Em 2005, após diversos debates, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, definindo o lócus de atuação do pedagogo no exercício da docência nas competências para o exercício de suas funções docente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental e formar o pedagogo para atuar como gestor educacional em ambientes escolares e não escolares.

O Curso de Pedagogia no contexto da UEPA/ Campus Universitário Regional do Baixo Tocantins, tem toda a sua regulamentação estruturada com alicerce na legalidade do Curso no Brasil. Tendo sua implantação na instituição em 2003, através do Decreto publicado no diário dia 9 de outubro de 1991 e da Portaria do MEC n.º 11.841 de 8 de outubro de 1991.

Por meio das regulamentações o Pedagogo deverá ter um perfil profissional que esteja conjugado a partir da compreensão e visão ampliada do processo político – pedagógico nas dimensões histórica, filosófica, tecnológica, política, cultural e estética, estando comprometido com as questões de nossa época e da nossa região, articulando-as com o mundo, capaz de intervir como proponente na sociedade em que vive. É também um trabalhador ético e produtor de conhecimentos para formação de cidadãos críticos e criativos.

A presente investigação acerca da Situação profissional e acadêmica do egresso de Licenciatura Plena em Pedagogia ano 2003 da Universidade do Estado do Pará Moju constatou muitas contradições e afirmativas destes egressos.

Estas afirmativas foram reveladas na pesquisa quando primeiramente, a participação em atividades econômicas antes e durante o Curso se fizeram presentes; enquanto que no ramo profissional após a Graduação, infelizmente os dados não foram como imaginávamos, sendo uma parcela significativa atuando na esfera pública municipal em caráter de contrato. E nos questionamos quais motivos levaram este aluno agora egresso a não serem aprovados nos concursos públicos em que prestara. Em contrapartida, um número significativo dos egressos possui somente um vínculo empregatício, onde a maioria atua na área educacional, recebendo salários em desacordo com o que realmente deveria ganhar.

Houve muitas dificuldades no decorrer do Curso, de acordo com relatos, como a ausência de professores e principalmente nos últimos anos da graduação, pela qual a prática do estágio não foi suficiente devida o estudo ocorrer no período noturno e muitas escolas as quais deveriam estagiar não funcionarem nesse horário.

Os professores não se sentem interessados pelo próprio processo de ensino porque percebem-se dentro do sistema educacional que não proporciona a valorização de seu trabalho: desvalorização social da carreira, baixa remuneração salarial, atrasos nos pagamentos, falta de estrutura sindical forte, alta rotatividade na função. (GATTI, 1987, p. 34).

Na preferência do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia contatou-se contradições pelas quais muitos egressos fizeram a escolha do mesmo por opção, no entanto há o sentimento de satisfação pela sua escolha. Mas existem ainda egressos, que continuam com a concepção de que o Curso não lhe propiciou novos horizontes, uma significação para sua vida, e principalmente a real identidade do Pedagogo.

Assim, a turma de 2003 da UEPA- Campus XIV / Moju, e através desta pesquisa, percebeu-se a importância da Universidade como instituição que promove o tripé ensino, a pesquisa e a extensão, a qual possibilitou aos egressos suportes para o aprimoramento de seus saberes, o papel crucial do pedagogo na atualidade, e principalmente de levar aos desesperançosos uma educação emancipadora, com rigor e seriedade a todos que buscam uma sociedade mais humana e crítica.

Se uma esperança existe para que a universidade transite do velho para o novo, a estratégia deve ser esta: acolher os anseios da população, os interesses da população excluídas dos benefícios da industrialização, do trabalho do capital acumulado. A universidade precisa pensar constantemente nessa direção. É assim que ela se educa. Estudantes, professores, ultrapassando os muros para aprenderem junto à população, não por curiosidade intelectual, mais por que aprendem ensinando. (GADOTTI, 2001, p.121).

Para tanto, ao realizar tais ideais faz-se necessário a compreensão de que a educação é um processo social, contínuo e que necessita estar em constante diálogo com as diferentes organizações sociais existentes em seu meio e de que o Pedagogo deve estar em contante inacabamento, buscando sempre sua formação.

Pela análise provisória constituída nesta pesquisa, identificamos a necessidade de analisar, aprofundar teoricamente as questões aqui suscitadas, pois, é necessário que o Estado, não tome a educação como gasto público, mas como investimento social e político, como direito social e não privilégio e serviço; e isso certamente requer uma aproximação mais minuciosa na Universidade Estadual do Pará / Campus Universitário do Baixo Tocantins, especificamente no Curso de Pedagogia e assim constituir-se como objeto de continuidade deste estudo. Mas a dinâmica do tempo com certeza terá a responsabilidade em julgar e propiciar este novo momento.

REFERENCIAS

A formação crítica e científica no ensino universitário de educadores. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd148/a-formacao-critica-e-cientifica-de-educadores.htm>>. Acesso em: 23 agos. 2011.

ANTUNES, Ricardo,1953- **Adeus trabalho?:**ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho- Ricardo Antunes.-13.ed.rev.ampl.-São Paulo:Cortez,2008. PRIMEIRA PARTE- II

ARAUJO, Maria José de Azevedo; VIANA, Sônia Maria de Azevedo **Perfil dos Egressos de Pedagogia.** Publicado em 07 de março de 2011 em Educação. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/perfil-dos-egressos-de-pedagogia/60738/>>. Acesso em: 07 agos. 2011.

BARBIERI, Ivo. **Por uma Universidade Orgânica.** Rio de Janeiro: UERJ, 1999, p. 10-11.

BRASIL. Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/129118/lei-5540-68>>. Acesso em: 16 agos. 2011.

BRASIL; CONGRESSO NACIONAL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. In: **Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional:** texto na íntegra. São Paulo: Editora Saraiva, s/d.

BUARQUE, C. **Papel social da universidade.** Campinas, 1991(Conferencia à Plenária do CRUB – Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras). Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/oep/Eixo%201%20-%20Tema%201.pdf>>.Acesso em: 15 set. 2011.

CARNEIRO, Leonilda Costa. **Formação na interiorização:** a percepção dos discentes do curso de Pedagogia a cerca da tríade ensino, pesquisa e extensão no Núcleo Universitário Regional do Baixo Tocantins / Leonilda Costa Carneiro, Monique Valéria Sousa da Silva, 2010.

CARDOSO, Miriam de Lourdes de Albuquerque. **GT Política de Educação Superior da ANPEd:** origem, desenvolvimento e produção. Revista Brasileira de Educação. Belo Horizonte, n. 21, p. 115-127, set./dez. 2002.

CASTANHO, Maria Eugênia (Org.) ; CASTANHO, Sérgio Eduardo Montes (Org.) . **O que há de novo na Educação Superior.** 1. ed. Campinas: Papirus, 2000. 254.

CAVALCANTE, M. M. D e CARNEIRO, I. M. S. P. **Motivações e formação:** o que pensam alunos e egressos do curso de pedagogia da uece/funcap, 2001.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.**São Paulo. Cortez, 2006.

Comunicação e cultura: a atualidade de Paulo Freire. Disponível em: <<http://cantoturno.blogspot.com/2011/09/comunicacao-e-cultura-atualidade-de.html>>. Acesso em: 31 out. 2011.

CONDURÚ, Marise Teles. **Produção Científica na Universidade:** normas para apresentação/ Marise Teles Condurú; Maria da Conceição Ruffel Moreira. 2. Ed.rev. e atual.- Belém: EDUEPA, 2007.130p.

DIAS SOBRINHO, J. **Educação superior, globalização e democratização.** Qual universidade? Revista Brasileira de Educação, n 28, p. 164-173, jan./abr. 2005.

Ensino superior - Órgão de divulgação da Universidade Federal de Goiás – Ano VII, 2, dezembro de 2005 .Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/45anos/C-reforma.html>. Acesso em: 20 out. 2011.

ESTEVES, José M. **O mal-estar docente:** a sala de aula e a saúde dos professores. Bauru: EDUSC, 1999.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, Mini Aurélio Século XXI – **O Minidicionário da língua portuguesa**, 4ª ed rev e ampl, 5ª impressão – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

Formação de professores: pensar e fazer/ Celia Linhares...[et. al.]; Nilda Alves (organizadora)- 10. Ed.- São Paulo, Cortez, 2008,- (Coleção Questões da Nossa época; v.1).

FREIRE, Paulo, 1921- **Pedagogia da Esperança:** Um encontro com a Pedagogia do Oprimido / Paulo Freire.- Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa- São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FURLAN, Cacilda Mendes Andrade. **História do curso de pedagogia no Brasil:** 1939-2005. Paraná: Autores Associados, 1999.

GADOTTI, Moacir, 1941-**Pedagogia da práxis**/Moacir Gadotti; prefácio de Paulo Freire. - 3.ed.- São Paulo; Cortez:Instituto Paulo Freire,2001.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação:** um estudo introdutório/ Moacir Gadotti.- 12.ed.rev.- São Paulo; Cortez, 2001.

JÚNIOR, Paulo Ghiraldelli. **Introdução à Educação Escolar Brasileira:** História, Política e Filosofia da Educação [versão prévia], Rio de Janeiro, p. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.miniweb.com.br/educadores/artigos/pdf/introdu-edu-bra.pdf> >. Acesso em: 7 maio 2011.

JÚNIOR, Raimundo Sérgio de Farias. **Da saúde do trabalhador à precarização do trabalho docente:** reflexos da mundialização do capital. Belém, PA. 2009.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia.** Trad. De Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. **O Ensino e os recursos didáticos em uma sociedade cheia de tecnologias.** In VEIGA, Ilma P. Alencastro (org). Didática: o Ensino e suas relações. Campinas, SP: Papirus, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994-(Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** / José Carlos Libâneo. – 9.ed.- São Paulo, Cortez,2007.

LINHARES, Monica Tereza Mansur. **Autonomia Universitária no Direito Educacional Brasileiro.** São Paulo: Segmento, 2005.

MANCEBO, Deise. Maués, Olgaíses. Chaves, Vera Lúcia Jacob. **Crise e reforma do Estado e da Universidade Brasileira:** implicações para o trabalho docente. Educar, Curitiba, n. 28, p. 37-53, 2006. Editora. Texto aprovado em 15 jun. 2006.

MANCEBO, Deise; MOROSINI, Marília Costa; OLIVEIRA, João Ferreira de. **Políticas de expansão da educação superior no Brasil pós-LDB.** Outubro de 2009.

MENDONÇA, Ana Waleska P.C. **A Universidade no Brasil** 132 Mai/Jun/Jul/Ago 2000 N° 14.

MENDONÇA, ANA WALESKA P.C.A **Universidade no Brasil** . Revista Brasileira de Educação 139. Mai/Jun/Jul/Ago, N° 14, 2000.

MIALARET, G. **Pédagogie générale.** Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

MUNICÍPIOS do estado do Pará. Disponível em:< <http://pt.wikipedia.org/wiki/Moju>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

NOGUEIRA, Liliana Azevedo. **Novo cenário de atuação do Pedagogo.** Disponível em: < <http://didaticafundamental.blogspot.com/2009/03/novo-cenario-de-atuacao-do-pedagogo.html>>. Acesso em: 23 out. 2011.

NÓVOA, Antonio. **O passado e o presente dos professores.** In: NÓVOA, A. (Coord.).Profissão professor. Porto, 1995.

O Professor Pedagogo: Sua História na Perspectiva de uma Práxis Transformadora. Disponível em:<<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo02/Florinda%20Santos%20e%20Janete%20A.%20Bartoski%20Laroca%20dos%20Santos%20-%20Tex.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2011.

OLIVEIRA, Ana Cristina Baptistella de. **Qual a sua formação, professor?/** Ana Cristina Baptistella de Oliveira – Campinas, SP: Papirus,1994. (Coleção magistério; Formação e trabalho pedagógico).

Perfil dos Egressos de Pedagogia. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/60738/1/PERFIL-DOS-EGRESSOS-DE-PEDAGOGIA--/pagina1.html>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. **Didática e formação de professores: percursos no Brasil e em Portugal** / Selma Garrido Pimenta (Org.) – 4. Ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Formação e prática do educador e do orientador: Confrontos e questionamentos** / Vera Maria Nigro de Souza Placco. – Campinas, SP : Papyrus, 1994. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

Qualidade de vida no trabalho percebida por Professores de Educação Física do Colégio de Aplicação, UFSC. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd144/qualidade-de-vida-no-trabalho-percebida-por-professores.htm>>. Acesso em: 01 nov. 2011.

SANTOS, Florinda; SANTOS, Janete A. Bartoski Laroça dos. **O Professor Pedagogo: Sua História na Perspectiva de Uma Práxis Transformadora.** Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuaiscoautorais/eixo02/Florinda%20Santos%20e%20Janete%20A.%20Bartoski%20Laroça%20dos%20Santos%20-%20Tex.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

SANTOS, Quéren Anie R dos; SILVA, Maria Ruth Sartori da. **Trabalho e Educação: Reflexões acerca da Formação do Pedagogo.** Disponível em: <<http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/mariaruthsartoridasilva1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2011.

SERRANO, Marisa; LIMA, Terezinha Basé de. **A Universidade e a Formação do pedagogo Hoje.** Disponível no site: <http://www.baze.hpg.com.br/univ_pedag.htm>. Acesso em: 10 mar. 2011.

Sistema de Informações Territoriais. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br>>. Acesso em: 10 out. 2011.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
 NÚCLEO UNIVERSITÁRIO REGIONAL DO BAIXO TOCANTINS
 CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
 CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA
 ORIENTADOR: RAIMUNDO SÉRGIO DE FARIAS JÚNIOR
 ORIENTANDAS: DANIELE DA SILVA COSTA
 MÁRCIA DO SOCORRO FEIO CARDOSO

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

Leia com atenção e marque uma ou mais alternativas para cada questão de acordo com a instrução e somente as quais se referirem a sua situação:

I. Formação Acadêmica:

01. Curso de Graduação:

Instituição:

02. Com que **idade** você **concluiu** o curso de graduação? _____

03. Ano de ingresso no Curso de Graduação: _____ Ano de conclusão: _____

II. Perfil Profissional e Econômico

04. Você exercia alguma atividade econômica anterior e/ou durante o curso de graduação?

01 - () Sim. 02 - () Não

Qual? _____

05. Qual o tipo de vínculo/contrato do seu trabalho atual?

01 - () Empregado com carteira (CLT)

02 - () Funcionário público estatutário ou militar

03 - () Prestação de serviços temporários

04 - () Empregador ou proprietário

05 - () Cooperativado

06 - () Outro. Qual? _____

06. Que função você exerce atualmente?

07. Qual sua renda **pessoal bruta**, considerando o salário mínimo de R\$ 545,00 (quinhentos e dez reais)?

01 - () Menos de 01 salário mínimo

02 - () De 01 a 02

03 - () De 03 a 04

04 - () De 05 a 06

05 - () De 07 a 08

06 - () De 09 a 10

07 - () De 10 a 12

08 - () acima de 12 salários mínimos

09 - () Não tenho renda

08. Quanto ao exercício profissional na área da educação:

01 - () Atua na área de formação

02 - () Atuou e hoje não atua mais

03 - () Nunca atuou

09. Licenciatura Plena em Pedagogia era o curso desejado?

() sim () não

Se não qual era o curso desejado? _____

10. Os conhecimentos adquiridos durante os quatro anos de Curso foram suficiente para a sua formação? Por quê?

11. Houve a percepção durante e após a academia do que realmente seria o papel do Pedagogo?

12. Você conseguiu adentrar em alguma instituição privada e/ou publica após o termino do curso? Pra trabalhar, pra estudar ou qualquer outro tipo de vinculo?

() sim () não

13. Você prestou concursos públicos?

() sim () não

14. Houve a percepção durante e após a academia do que realmente seria o papel do Pedagogo?

15. Você conseguiu adentrar em alguma instituição privada e/ou publica após o termino do curso? Pra trabalhar, pra estudar ou qualquer outro tipo de vinculo?

() sim () não

16. Em que esfera você atua/ atuou?

01 - () Pública Federal

02 - () Pública Estadual

03 - () Pública Municipal

04 - () Esfera privada sem fins lucrativos

05 - () Esfera privada com fins lucrativos

17. Quantos empregos você tem atualmente?

01 - () um

02 - () dois

03 - () três

04 - () quatro

05 - () mais de quatro

Qual/is é /são? _____

18. Quanto à sua atividade profissional atual, você se sente:

01 - () Satisfeito 02- () Insatisfeito

Se você se sente **insatisfeito** com sua atividade profissional, qual o motivo?

III. Perfil Sócio-cultural

19. Quanto à qualidade de vida após sua formação na graduação, seu acesso a vários tipos de lazer:

01 - () Melhorou

02 - () Melhorou em parte

03 - () Não melhorou

20. Qual o **principal meio de comunicação** que você utiliza para se manter informado?

01 - () Revistas

02 - () Jornais

03 - () Televisão

04 - () Rádio

05 - () Internet

06 - () Outro.

Qual? _____

21. Qual o tipo de leitura mais recorrente no seu dia-a-dia?

01 - () Revistas diversas

02 - () Revistas científicas

03 - () Livros científicos

04 - () Livros de cultura geral

05 - () Jornais diários

06 - () Quadrinhos

07 - () Outro Qual? _____

22. Qual a média anual de títulos de leitura que você realiza, considerando obras completas, capítulos de livros ou revistas e artigos independentes:

23. Você conhece alguma língua estrangeira?

Idioma 01: _____

Leitura () fraca () regular () boa () não lê

Escrita () fraca () regular () boa () não escreve

Conversação () fraca () regular () boa () não fala

Idioma 02: _____

Leitura () fraca () regular () boa () não lê

Escrita () fraca () regular () boa () não escreve

Conversação () fraca () regular () boa () não fala

() Não tenho conhecimento de nenhuma língua estrangeira.

24. Você exerce ou exerceu atividade não remunerada voluntária, comunitária ou militante?

01 - Sim

02 - Não

25- A universidade levou você, agora egresso, a uma sólida formação teórica e prática necessárias ao desempenho de sua inserção no mundo do trabalho, bem como o prosseguimento da vida acadêmica?

Sim não em parte

26- Você está dando prosseguimento a sua formação acadêmica? Em que nível?

especialização mestrado doutorado pós- doutorado



Centro de Ciências Sociais e Educação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia

Av. das Palmeiras S/N- Centro

68450-000 - Moju – PA

WWW.uepa.br

